

Agatha Ribeiro / 121141456



A VIDA É UM PRODUTO

A INFLUÊNCIA DA CULTURA DE MASSA NAS VIVÊNCIAS



Rio de janeiro, 2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO
DE LETRAS E ARTES ESCOLA DE BELAS ARTES CURSO
DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

A VIDA É UM PRODUTO

A INFLUÊNCIA DA CULTURA DE MASSA NAS VIVÊNCIAS

Agatha C. G. Ribeiro / 121141456

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor
Pintura, Dep. De Artes Base da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação
em Pintura, como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Pintura

Orientador: Prof. Dr. Júlio Ferreira Sekiguchi

Rio de janeiro
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO
DE LETRAS E ARTES ESCOLA DE BELAS ARTES CURSO
DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

CIP - Catalogação na Publicação

G484v Gonçalves Ribeiro, Agatha Chrystie
A vida é um produto: A influência da cultura de
massa nas vivências / Agatha Chrystie Gonçalves
Ribeiro. -- Rio de Janeiro, 2026.
45 f.

Orientador: Júlio Ferreira Sekiguchi.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2026.

1. Pintura. 2. Cultura pop. 3. Onírico. 4. Mídia.
5. Vivências. I. Ferreira Sekiguchi, Júlio, orient.
II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Rio de Janeiro
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO
DE LETRAS E ARTES ESCOLA DE BELAS ARTES CURSO
DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

Trabalho de conclusão de curso



Agatha C. G. Ribeiro / 121141456

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/ Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado em:

Universidade Federal do Rio de Janeiro / EBA - BAF
Prof. Me. Luana Manhães da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro / EBA - BAB
Prof. Me. Maria de Lourdes Barreto

Universidade Federal do Rio de Janeiro / EBA - BAB
Prof. Dr Júlio Ferreira Sekiguchi - Orientador

Rio de janeiro
2026

Agradecimentos

Família: Muito obrigado a todos que me apoiarem e me disseram para seguir meu sonho, vocês foram essenciais para que chegasse aonde cheguei e para que me tornasse o que sou. Além disso, muito obrigado a todos que me cederam um cantinho especial para ficar durante esse período acadêmico e passaram horas e horas me ouvindo desabafar sobre todas as minhas questões de vida e artísticas. Menção honrosa: Velha, Mãe, Velho, Pai, Yuri, Tilena, Rafinha, Gabi, Rogério, Erick, Helaine, e Tia vilma

Amigos: Agradeço demais a vocês que passaram por todo esse percurso acadêmico tão louco, estressante e maravilhoso comigo. Só vocês sabem quantas vezes estive à beira de surtar, das vezes que chorei no corredor e quantas vezes me frustrei com a execução de trabalhos. Muito obrigada por sempre estarem ao meu lado, seja apenas me ouvindo, me emprestando algum material que esqueci ou me fazendo rir em dias que pareciam estar tão nebulosos. Menção honrosa: Bruninha, Luly, Filipe, Dan, Sthe, Átila, Jéssica, Lívia, Luana e Marcelo.



A todos aqui citados, só queria dizer... Amo todos vocês



Resumo

Agatha C. G. Ribeiro



A INFLUÊNCIA DA CULTURA DE MASSA NAS VIVÊNCIAS

A pesquisa “A vida é um produto” teve início de forma fluida durante pequenas raves e experimentações pictóricas em 2024, durante a matéria de pintura 3 pela graduanda Agatha Ribeiro. Logo após ter trabalhado com pinturas com foco em experimentação técnica na série de pinturas “ÍNTIMO”, onde eram retratadas emoções reprimidas como capas de revistas com sátiras ácidas sobre a forma como a mídia vende soluções para sintomas da natureza humana, a pesquisa continuou se aprofundando na relação entre sociedade e a cultura de massa e suas influências no cotidiano. Para a construção da pesquisa, a autora deu início a uma jornada de reflexão e análise de todos os impactos e influências que a cultura de massa teve em suas experiências e vivências, desde sua infância até os dias de hoje. Seguidamente de uma longa investigação, foram escolhidos nove pontos de interesse: Pressão estética, paradoxo do espectador inexistente, o mercado do amor, o excesso de informação e pensamentos, cobrança universal, entretenimento vazio, cegueira do próprio potencial, glamourização da melancolia e a desproteção feminina em meio a sociedade. Na abordagem de cada tema, foram desenvolvidas 18 obras, sendo duas para cada uma delas.

Palavras-chave: pintura, onírico, cultura, pop, mídia, vivências.

Abstract

Agatha C. G. Ribeiro



A INFLUÊNCIA DA CULTURA DE MASSA NAS VIVÊNCIAS

The research project “Life is a Product” began fluidly during small sketches and pictorial experiments in 2024, during the Painting 3 course by undergraduate student Agatha Ribeiro. Following her work with paintings focused on technical experimentation in the “INTIMATE” series, which depicted repressed emotions as magazine covers with biting satires on how the media sells solutions for symptoms of human nature, the research continued, delving deeper into the relationship between society and mass culture and its influences on daily life. To construct the research, the author embarked on a journey of reflection and analysis of all the impacts and influences that mass culture has had on her experiences and life, from childhood to the present day. Following extensive research, nine points of interest were chosen: aesthetic pressure, the paradox of the non-existent spectator, the market of love, the excess of information and thoughts, universal demands, empty entertainment, blindness to one's own potential, the glamorization of melancholy, and the vulnerability of women in society. Eighteen works were developed for each theme, two for each one.

Keywords: painting, dreamlike, culture, pop, media, experiences.

Lista de Ilustrações

Figura 1: Erupção psíquica da série “Registros do imaginário” - Acrílica sobre papel 300g, 29.6 X 29.6 cm (2024).

Figura 2: Intimamente tristonha da série “INTIMO” - Acrílica sobre papel 300g, 21 X 29.5 cm (2024).

Figura 3: Illustration for The Treasure of Carcassonne - (1927) LATHROP, Dorothy P.

Figura 4: I Know How You Must Feel, Brad... (1963), LICHTENSTEIN, Roy - óleo e magna sobre tela, 169,5 cm x 95,9 cm. .

Figura 5: Ilustração do livro “Little Thunder’s private playground” - aquarela sobre papel (2022) Little Thunder.

Figura 6: 2/∞ - Ilustração digital - (2023) DÍEZ NIN, Andrea .

Figura 7: Rascunho de “Sintonizando a beleza”.

Figura 8: Rascunho de “Não! Ninguém está olhando”.

Figura 9: Rascunho de “Lovegame”

Figura 10: Rascunho de “Deserto doomscrolling”.

Figura 11: Rascunho de “Não! Ninguém está olhando”.

Figura 12: Rascunhos sem nome na mesma folha.

Figura 13: Moodboard de “Sintonizando a beleza”.

Figura 14: Processo da pintura “Sintonizando a beleza”

Figura 15: Processo da pintura “Sintonizando a beleza - parte 2”

Figura 16: “Sintonizando a beleza” - acrílica sobre teal, 20x20cm.

Figura 17: “Sintonizando a beleza - parte 2” - Acrílica sobre tela, 20x40cm.

Figura 18: Moodboard de “Não! Ninguém está olhando”.

Figura 19: Processo da pintura “Não! Ninguém está olhando”.

Figura 20: “Não! Ninguém está olhando” - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

Figura 21: “Não! Ninguém está olhando - parte 2” - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

Figura 22: Moodboard de “love game”.

Figura 23: Processo da pintura “Love game”.

Figura 24: “Love game©” - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

Figura 25: “Love game© - parte 2” - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

Figura 26: Moodboard de “Deserto doomscrolling”.

Figura 27: Processo da pintura “Deserto doomscrolling”.

Figura 28: “Deserto Doomscrolling” - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

Figura 29: “Deserto Doomscrolling - parte 2” - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

Figura 30: Moodboard de “Popa fisgada”.

Figura 31: “Popa Fisgada” - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

Figura 32: “Popa Fisgada - parte 2” - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

Figura 33: Moodboard de “Filtro≡apenas a parte boa”.

Figura 34: Processo de pintura “Filtro≡apenas a parte boa”.

Figura 35: “Filtro≡apenas a parte boa” - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

Figura 36: “Filtro≡apenas a parte boa - parte 2” - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

Lista de Ilustrações

Figura 37: Moodboard de “Se esbaldando em lágrimas”.

Figura 38: Processo de “Se esbaldando em lágrimas”.

Figura 39: “Se esbaldando em lágrimas” - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

Figura 40: “Se esbaldando em lágrimas - parte 2” - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

Figura 41: Moodboard de “É você ou sou eu?”.

Figura 42: Processo de “É você ou sou eu?”.

Figura 43: “É Você ou sou eu ?” - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

Figura 44: “É você ou sou eu? - parte 2” - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

Figura 45: Moodboard de “Cuidado pinkpill!”.

Figura 46: Processo de “Cuidado pinkpill!”.

Figura 47: “Cuidado Pinkpill!” - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

Figura 48: “Cuidado Pinkpill!” - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

Figura 49: Cartaz da exposição.

Figura 50: Grade de registros feitos por Ana Luiza Monteiro.

Sumário

Introdução.....	8
1. Pesquisa estética.....	9
1.1 Dorothy P Lahtrop.....	9
1.2 Roy Litchestein.....	10
1.3 Little Thunder.....	11
1.4 Andrea Diez Nin.....	12
2. Rascunho e desenvolvimento.....	13
3. Pesquisa semântica.....	17
4. Pressão Estética.....	19
5. Paradoxo do espectador inexistente.....	23
6. Mercado do amor.....	26
7. Excesso de informações e pensamentos.....	29
8. Cobrança universal.....	32
9. Entretenimento vazio.....	35
10. Glamourização da tristeza.....	38
11. Cegueira do próprio potencial.....	41
12. Desproteção feminina em meio a sociedade.....	44
13. Conclusão.....	47
14. Referência.....	48
15. Apêndice.....	49

Introdução

No segundo período do curso, tinha apenas três certezas da minha vida, a primeira é de que um dia iria morrer, a segunda era de que tinha nascido para ser artista e a terceira era a de queria produzir obras fantasiosas. Todavia, na transição do quarto para o quinto período, fui tomada por um questionamento interno com relação ao objetivo da minha arte e seu sentido, não sendo mais a vontade de produzir obras fantasiosas o suficiente para mim.

Durante o período que cursei pintura 2, optei por não focar em um desenvolvimento semântico, depois de concluir que pensar tanto no mesmo estava acabando e consumindo minha mente ao invés de ajudar a encontrar um sentido no que produzia. Após concluir o último quadro do período, me peguei refletindo bastante sobre a composição e como a mesma falava sobre mim, era semelhante a me olhar no espelho, entretanto era como se ao invés de ver meu exterior pudesse enxergar meu interior e suas diversas camadas. Tendo percebido esta ação inconsciente, resolvi explorá-la e utilizá-la de forma escancarada e proposital.

No período de férias, iniciei a pesquisa de forma prática começando com pequenos estudos lineares de nove quadros, baseado em ideias soltas, para serem produzidos na matéria de pintura 3, porém as propostas da matéria não casavam com o que havia planejado para cada uma das obras, logo optei por deixar o desenvolvimento do projeto mais para frente e segui na linha da experimentação. Tendo concluído os dois últimos trabalhos da matéria de pintura 3, a série de pinturas "ÍNTIMO", onde eram retratadas emoções reprimidas como capas de revistas, com sátiras ácidas sobre a forma como a mídia vende soluções para sintomas da natureza humana, a pesquisa continuou se aprofundando na relação entre sociedade, cultura de massa e suas influências nas experiências e vivências. Desenvolvendo a observação sobre as influências da cultura de massa em minha vida, pude perceber como diversos ideais, de forma indireta e diretamente, são implantados no nosso inconsciente nos influenciando em diversos campos da vida.



Figura 1: Eruptão psíquica da série "Registros do imaginário" - Acrílico sobre papel 300g, 29.6 X 29.6 cm (2024).



Figura 2: Intimamente tristonha da série "ÍNTIMO" - Acrílico sobre papel 300g, 21 X 29.5 cm (2024).

1. Pesquisa estética

A visão precede as palavras” (BERGER, 1999, p. 7), seguindo a premissa de Berger, antes de formular qualquer semântica mirabolante, procurei entender minha característica plástica, antes de se interessar pela história do quadro, nos interessarmos por sua aparência. Para chegar no atual aspecto plástico das minhas obras, foi necessário um estudo para entender o que me agrada visualmente e o que pretendia alcançar. Esse questionamento foi fundamental para o meu desenvolvimento, diante disso, no quinto período resolvi absorver conhecimento de diversos artistas que sempre tive como referência, para fazer pequenas análises (são pequenas observações sucintas), sobre seus trabalhos em questão de estilo, técnica e refletindo sobre o que poderia replicar agregando em minha produção.

1.1. Dorothy P. Lathrop (1891-1980)



Figura 3: Illustration for The Treasure of Carcassonne - (1927) LATHROP, Dorothy P.

Através do traço de Dorothy Pulis Lathrop encontrei uma das primeiras e mais profundas afinidade de olhares. Observando suas ilustrações, compreendi que o encantamento não habita necessariamente na multiplicidade de cores, mas na arquitetura do contraste. Dorothy, escritora e ilustradora norte-americana, construiu uma obra vasta, que conta com mais de 38 livros, que atravessa a ficção infantil, tanto a sua quanto a de outros autores, com uma característica visual inconfundível. A sua coragem de habitar o preto foi um dos principais motivos de suas obras prenderem minha atenção. Suas imagens são, em grande parte, construídas por um bloco denso e escuro, um breu vazio e absoluto do qual a luz precisa é extraída com precisão. Nesse universo de sombras, o menor detalhe em branco que seja, são faíscas, fagulhas vivas que nascem de uma escuridão profunda para contar uma história. São essas minúsculas incisões de luz que definem os seres fantásticos, as texturas dos cenários e a atmosfera onírica que torna sua obra tão vibrante, mais vibrante

muitas vezes, do que tantas outras saturadas de cor. Essa economia de meios, gera uma intensidade narrativa que me encanta. Cada fio de cabelo de uma criatura mágica, cada folha de uma árvore sombria, cada brilho nos olhos de um animal é uma pequena o destaque da linha sobre o vazio. Refletindo, percebo que a lição de Dorothy transcende a técnica. Ela toca na essência da minha busca como artista. Assim como ela, eu também opero, utilizando elementos familiares, muitas vezes extraídos desse imaginário coletivo que a cultura de massa nos fornece, para construir algo novo. Mas não basta associar ícones, é preciso extrair deles um significado. Dorothy me ensinou que o poder narrativo da imagem está naquilo que ela escolhe não mostrar, na densidade do mistério que pode carregar. Aplico isso ao lidar com personagens e cenários que, à primeira vista, poderiam parecer meros produtos de um imaginário saturado. Cada detalhe, por menor que seja, precisa justificar sua existência. Precisa ser uma daquelas faíscas que, juntas, constroem uma trama reluzente. Essa abordagem me permite dialogar com a cultura de massa não como um simples repositório de imagens, mas como um ponto de partida para uma investigação mais profunda. Transformo o familiar em enigmático, o colorido em contraste, o explícito em sugestivo, é no silêncio do que a narrativa encontra o seu brilho mais intenso. Herdei dela a certeza de que a linha, quando carregada de intenção, pode iluminar mais do que qualquer excesso de cor.

1.2. Roy Litchestein (1923-1997)



Figura 4: I Know How You Must Feel, Brad... (1963), LICHTENSTEIN, Roy - óleo e magna sobre tela, 169,5 cm x 95,9 cm. .

Nos quadros de Roy Lichtenstein, encontrei um espelho para a minha relação de amor e estranhamento com a cultura de massa. Enquanto Dorothy P. Lathrop me ensinou sobre o poder narrativo do contraste e do detalhe, com Lichtenstein, aprendi a manejar a linguagem do consumo como ferramenta de crítica. Sendo a figura central do movimento pop art, ele expandiu os clichês dos quadrinhos ao pintar cenas típicas das histórias em quadrinhos, romances açucarados, heróis de guerra, objetos do cotidiano, ao mesmo tempo em que reproduzia a cultura de massa ele a dissecava de forma fria e cirúrgica, revelando a ambiguidade essencial do nosso tempo. Esse jogo duplo em que, de um lado a entrega imediata ao apelo visual, cores brilhantes, planas, limitadas, delineadas por um traço preto tão decidido que parece isolar cada forma em seu próprio universo. É uma estética que nos é profundamente familiar, quase íntima, por remeter às páginas coloridas que consumimos na nossa infância.

De outro lado, há o estranhamento que surge justamente dessa familiaridade levada ao extremo. Os quadros de Lichtenstein são como recortes, frames congelados de uma narrativa que nunca temos certeza de sua linha temporal, se está começando, terminando ou simplesmente flutuando no vazio. Essa ausência de contexto transforma cenas potencialmente dramáticas em símbolos ambíguos, quase abstratos em sua precisão excessivamente figurativa. Um detalhe técnico presente em suas telas que sempre me cativou são os Ben-Day Dots, aqueles pontilhados que simulam o processo de impressão industrial dos quadrinhos, a assinatura mais poderosa de seu trabalho. Ao reproduzir o erro da máquina, a imperfeição do processo mecânico, Lichtenstein introduz uma camada de ruído na imagem perfeita. É como se ele deixasse claro que apesar da beleza e apelo estético, é mais um produto reproduzido em série, repetido exaustivamente e esvaziado de sua essência original. Essa tensão entre artesanal e industrial, entre o gesto do pintor e a reprodução mecânica. Quando olho para uma de suas heroínas em lágrimas, ou para o piloto de avião prestes a disparar, somos simultaneamente atraídos e repelidos. A imagem nos convida a entrar, a sentir, a nos identificar com aquele instante de drama ou tensão, mas ao mesmo tempo nos mantém à distância, lembrando-nos de que tudo não passa de uma construção, de um clichê, de um símbolo vazio que repete infinitamente os mesmos gestos, a promessa de emoção que nunca se concretiza plenamente, nos deixando suspensos entre o desejo de nos conectar e a constatação de que estamos apenas diante de mais um produto. De Lichtenstein, absorvi a coragem de usar a estética da cultura de massa contra ela mesma. Aprendi que não precisamos rejeitar o pop para criticá-lo, podemos habitá-lo com olhos atentos, provando suas contradições de dentro para fora. Suas cores chapadas e seus pontilhados mecânicos me autorizaram a explorar esse território ambíguo onde o belo e o vazio, o familiar e o estranho, o figurativo e o abstrato coexistem em tensão permanente. Assim como ele transformou os quadrinhos em arte ao expor sua própria artificialidade, busco, no meu trabalho, transformar os ícones da cultura de massa em símbolos capazes de nos fazer questionar não apenas as imagens, mas o lugar que ocupamos diante delas, esse lugar incômodo e fascinante onde somos, ao mesmo tempo, espectadores e parte do espetáculo.

1.3. Little Thunder (1984)



Figura 5: Ilustração do livro "Little Thunder's private playground" - aquarela sobre papel (2022) Little Thunder.

Navegando pelo infinito feed do Instagram encontrei, Little Thunder, uma síntese perfeita entre duas paixões, o traço cartunesco e a densidade emocional do cinema. Cartunista e escritora responsável por obras como *Kylooe* e *Sisterhood*, ela construiu um universo visual que transborda as páginas de seus livros e manhuas autorais para habitar o imaginário de quem a observa sua obras. O que me mantém diante de suas ilustrações, sejam elas digitais ou em aquarela, é a sensação de estar contemplando algo que é tão meticulosamente orquestrada que cada imagem parece moldada por uma humanidade profunda, um registro de momentos que reconhecemos como nossos, mesmo quando habitados por personagens que permeiam o fantástico. A delicadeza de Little Thunder não é frágil, muito pelo contrário, é uma delicadeza construída por camadas. Sobreposições de cor e textura que se acumulam como memórias, criando uma densidade visual que convida o olho

a adentrar e explorar cada canto da imagem em busca de novos detalhes, e eles estão sempre lá, um olhar sutil, a textura de um tecido, a luz que incide sobre um rosto, pequenas revelações que recompensam a atenção de quem se dispõe a realmente ver. Seus trabalhos possuem essa qualidade rara de serem ao mesmo tempo cartunescos e realistas, não no sentido da representação fiel da anatomia, mas no registro preciso da emoção. Os olhos ligeiramente grandes demais, as expressões levemente estilizadas, as proporções que obedecem mais à lógica do afeto do que à da realidade tudo isso contribui para uma atmosfera que me lembra os melhores momentos do cinema de animação, aqueles frames que poderiam ser congelados e emoldurados como pinturas, carregando consigo toda a potência narrativa de uma cena inteira. É exatamente essa qualidade que mais me fascina em seu trabalho. Suas ilustrações não são apenas imagens estáticas, são registros de momentos, recortes temporais que carregam memórias. Como se cada quadro fosse uma cena extraída de um longa-metragem imaginário, um filme que só existe na mente de quem contempla, que se desenrola com o emocional de uma narrativa completa. Há conforto em suas imagens, mas também há impacto de uma dualidade que ecoa profundamente em minhas próprias buscas artísticas. Refletindo sobre o que absorvi de Little Thunder, percebo que sua maior lição foi me libertar da obrigação do realismo literal. Aprendi com ela que não preciso desenhar as coisas como elas são, mas como elas "sentem". Que posso habitar o território do cartum sem abrir mão da densidade lírica, que posso construir camadas não apenas de tinta digital ou aquarela, mas de significado e afeto. Little Thunder me ensinou que o verdadeiro realismo não está na precisão anatômica, mas na fidelidade à experiência emocional. Suas ilustrações são testemunhos disso, momentos congelados que pulsam com vida própria, construídos por camadas de cor e delicadeza que, juntas, criam um universo onde o traço encontra a poesia e o registro do instante se torna eterno. É essa busca que levo para o meu próprio trabalho, a tentativa constante de capturar não a aparência das coisas, mas a sua alma.

1.4. Andrea Díez Nin (1995)



Figura 6: 2/∞ - Ilustração digital - (2023)
DÍEZ NIN, Andrea .

Foi nas composições de Andrea Díez Nin que encontrei a permissão para construir um mundo onde a doçura e a crítica pudessem coexistir sem que uma anulasse a outra. Andrea é uma artista que constrói composições mágicas, cotidianas e carregadas de referências dos anos 2000, uma década que, para mim, carrega o peso simbólico de uma infância moldada por brinquedos coloridos, programas de televisão e uma estética que só agora, com o distanciamento do tempo, consigo nomear como uma das primeiras camadas da minha formação visual. Suas obras são arquitetadas como registros de uma visão onírica e distorcida de um mundo fofo, encantador e envolvente, como se cada tela fosse um fragmento de sonho que insiste em permanecer na memória mesmo após o despertar. Seu trabalho é a habilidade de mudar o

familiar em algo que flutua entre o real e o imaginado. Suas ilustrações e pinturas estão sempre carregadas de um efeito blur manual. Esse desfoque, feito à mão, remete ao efeito analógico comum em câmeras e filmes mais antigos, evocando a imperfeição das recordações, aquela qualidade difusa que nossas memórias ganham com o tempo. Ao embaçar os contornos, Andrea nos lembra que o passado nunca é nítido, que a nostalgia é feita de bordas imprecisas e que a beleza, muitas vezes, mora justamente nessa indefinição. Há também uma estratégia de encantamento em sua obra que dialoga profundamente com as questões que venho investigando sobre a cultura de massa. A grande quantidade de figuras e símbolos coloridos, traz um tom tão agradável e amável à obra que até mesmo temas um pouco mais pesados passam despercebidos como leves. É nesse ponto que sua influência se torna mais preciosa para mim. Andrea me ensinou que não preciso abandonar a doçura para abordar o desconforto. Pelo contrário, é justamente essa superfície afetiva, esse convite inicial ao encantamento, que permite ao espectador abaixar as defesas e, só então, se deparar com as camadas mais complexas e críticas que habitam a obra. Assim, busco arquitetar cenas que, à primeira vista, parecem registrar momentos confortáveis, quase nostálgicos — uma figura feminina em um cenário de tons rosados, uma jovem à beira-mar, um jogo de tabuleiro colorido. Mas é nessa aparente familiaridade que deposito as questões mais incômodas: a pressão estética, o entretenimento vazio, a glamourização da melancolia, a submissão feminina como construção social.

2. Rascunhos e desenvolvimento

Tendo analisado cada um dos artistas e seus trabalhos, selecionei o que mais me interessava em cada um deles, e foi esse exercício que me permitiu entender, de forma mais clara, o que buscava esteticamente, das formas aos traços, usos de cor e técnicas. Uma das principais questões que mais davam um nó em minha mente era diferenciar o que me agradava visualmente do que me dá prazer de ser feito. Nem toda técnica que admiro, ou estilo que me encanta, é prazeroso de ser executado. Por exemplo, não me dava prazer no método da pintura a óleo, mas acreditava que deveria fazê-lo por achá-lo esteticamente encantador. Essa era minha principal trava na produção, pois ao tentar replicar algo que não me dava prazer, o trabalho se tornava sem cor, sem textura, um fazer por fazer, que no final, parecia não significar nada.

Foi por isso que decidi fazer análises e anotações sucintas para compreender meu próprio estilo, daí veio até mesmo uma decisão crucial, a escolha da tinta acrílica. De diversas técnicas de pintura, porque a acrílica? Simples, pela sua propriedade de secagem rápida. Como uma pessoa com TDAH e ansiedade, o tempo de espera da secagem da tinta a óleo para fazer determinados detalhes sempre foi uma questão que me transbordava em angústia. Além disso, a tinta acrílica me permite testar combinações de técnicas mistas das quais a tinta a óleo carece. Nas obras, pude unir acrílica, nanquim e marcador. Durante o desenvolvimento entendi de forma mais clara meu processo. Clareza essa que se deu graças às vozes dos artistas que se tornaram meus companheiros imateriais.

De Dorothy P. Lathrop, herdei a lição de que o poder narrativo não está no excesso de cores, mas no contraste e no detalhe. Suas ilustrações me ensinaram a valorizar o poder da linha e a sugestão, fazendo com que cada elemento na tela, por menor que fosse, tivesse um motivo para ser. De Roy Lichtenstein, absorvi a coragem de usar a estética da cultura de massa contra ela mesma, mostrando como a beleza pop pode ser um veículo para a crítica ácida. A sensação de cena recortada, fria e ambígua de seus quadrinhos ecoa diretamente no meu interesse pelo "paradoxo do espectador" e pelo "entretenimento vazio". De Little Thunder, aprendi a unir o cartoon com uma atmosfera profundamente lírica e cinematográfica, me inspira a buscar, não uma representação literal, mas o registro onde a emoção se torna o foco principal sobre o realismo. E, por fim, Andrea Díez Nin me mostrou como a nostalgia e o onírico podem ser arquitetados. Sua composição repleta de símbolos coloridos influenciaram a construção das minhas cenas, permitindo que abordassem temas fortes, com uma paleta afetiva e um tom onírico que os torna, agradáveis e amáveis, para só depois revelarem suas camadas mais complexas.

Após concluir essas pequenas observações, minha mente pareceu fluir como uma nascente. As ideias percorriam livremente. Tomada por uma tempestade criativa após o entendimento da minha estética plástica, rascunhei algumas ideias de quadros, me lançando direto da pesquisa estética ao desenvolvimento das obras. Durante as férias anteriores ao período 2024.1, dei início aos rascunhos das diversas ideias que brotavam sem parar. Comecei com um desenho e, quando vi, estava no quinto, o ritmo sucedeu de forma tão fluida que quando me dei conta, estava planejando uma série.

Quando iniciei este rascunho tive uma ideia vaga sobre a questão de influências que absorvemos ainda muitos jovens. A composição possui uma personagem e um cenário que refletem diretamente a mim, quando concluí percebi que estava rascunhando a sala de minha casa quando era criança, isso foi interessante e surpreendente, pois pude analisar melhor o que borbulhava em meu inconsciente, vazando pelas minhas mãos e escorrendo sobre o papel. Quando faço rascunhos de composições que pretendo lançar para a tela, costumo decidir até mesmo o claro-escuro da composição na hora, mas para essa fiz questão de fazer um singelo estudo para ter uma ideia de como funcionaria. Nesse momento tendo um simples rascunho e muitas ideias que só poderiam ser melhor trabalhadas sobre a tela que pretendia utilizar, afinal de contas, algumas ideias só conseguem ganhar vida quando pinceladas, decidi por continuar qualquer alteração que fosse, diretamente na tela.

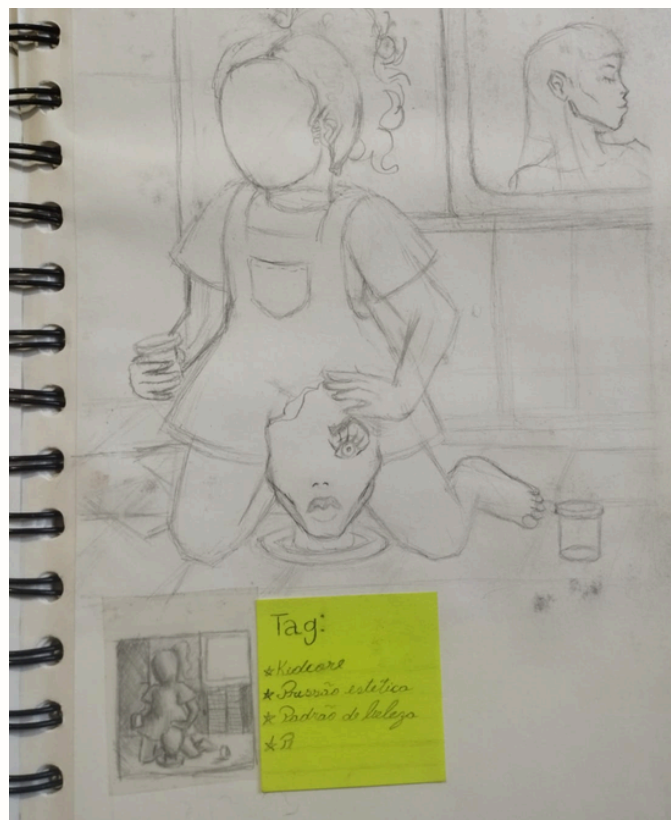


Figura 7: Rascunho de “Sintonizando a beleza”.



Figura 8: Rascunho de “Não! Ninguém está olhando”.

O rascunho do segundo quadro surgiu logo em seguida, talvez por isso alguns elementos compositivos tenham respingando nele, como a composição em “L” presente em ambos. No terceiro rascunho, moldei uma composição de uma figura feminina com um jogo de tabuleiro, fiz os peões, a caixa e marcação das casas no tabuleiro. A expressão facial da composição, foi feita de forma a lembrar uma pessoa serena e convencida de que ganharia o jogo. Entre um rabisco e outro decidi que o jogo de tabuleiro teria um ar mais surreal e onírico, objetos inanimados teriam vida e seriam inspirados em jogos de namoro de tabuleiro como “Barbie dream date” e “Dream fone”. No final já havia me decidido que a composição falaria sobre experiências românticas e o mercado do amor.

Para o quarto rascunho, pensei em desenhar um sentimento, para ser mais específica, resolvi desenhar o que sinto quando absorvo muita informação ou estímulos de uma vez só, assim surgiu essa composição. Uma figura feminina inerte, presa em areia movediça, no meio de um deserto, iluminada apenas por um pequeno abajur. O rascunho em si possuía poucas definições, pois preferi deixar em aberto como seria feito o resto da composição.

O quinto rascunho, talvez o mais abstrato de todos, toda a composição foi regida sem uma inspiração ou motivação específica. Essa representação parece ter sido empurrada do fundo do inconsciente diretamente para a folha, durante toda a construção não estava pensando em nada, ela surgiu de repente, com um cenário marítimo, uma garota, seu barco e mãos saindo de dentro da água, algo que não consegue entender de imediato. Quando já estava finalizando e comecei a desenhar o seguinte, tive um estalo.

A composição falava sobre impedimentos e cobranças, tanto internas quanto externas. O quinto rascunho, talvez o mais abstrato de todos, toda a composição foi regida sem uma inspiração ou motivação específica. Essa representação parece ter sido empurrada do fundo do inconsciente diretamente para a folha, durante toda a construção não estava pensando em nada, ela surgiu de repente, com um cenário marítimo, uma garota, seu barco e mãos saindo de dentro da água, algo que não consegui entender de imediato. Quando já estava finalizando, tive um estalo, a composição falava sobre impedimentos e cobranças, tanto internas quanto externas. Depois de feito os cinco rascunhos, me pus a pensar qual seria a conexão entre ambos, afinal de contas ambas as ideias vieram umas seguidas das outras, a única coisa que se passava em minha mente era o fato de todas serem vivências, mas até aí, para mim não era o suficiente.



Figura 9: Rascunho de “Lovegame”.



Figura 10: Rascunho de “Deserto doomscrolling”.

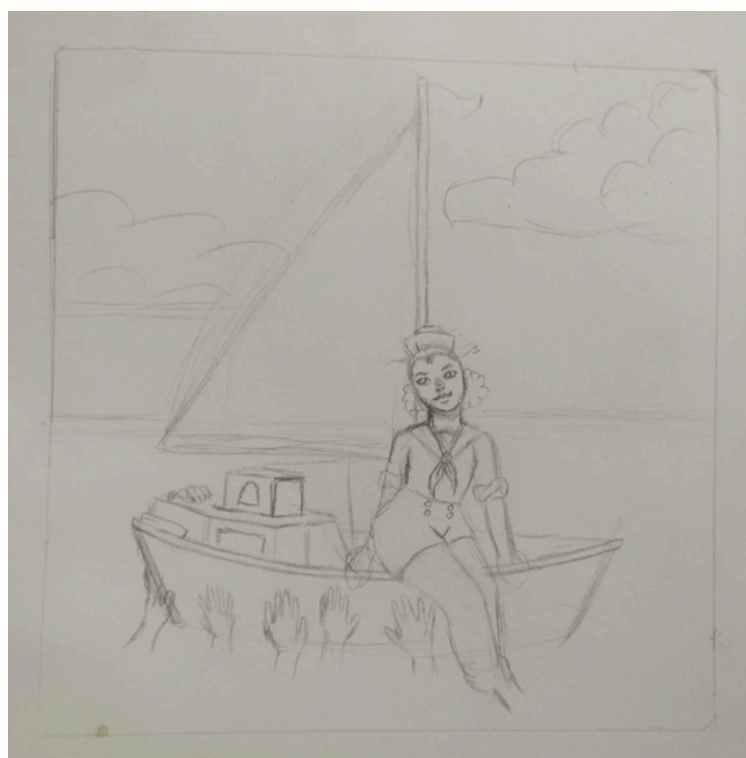


Figura 11: Rascunho de “Não! Ninguém está olhando”.

3. Pesquisa semântica

Comecei a me aprofundar mais sobre a análise de cada uma das composições, depois de alguns apontamentos errôneos, alguns ambíguos, finalmente consegui chegar na raiz de todos eles. Refletindo sobre cada experiência se iniciou uma linha de reflexão e raciocínio que teceu uma teia de vivências correlatas por terem o toque da mesma fonte de influência, a cultura de massa. Esse ponto de partida reflete a percepção de Rosalind Krauss (1990, p. 159) de que as construções visuais "atuam sobre o observador de maneira quase invisível, influenciando percepções e interpretações sem que ele tenha plena consciência dessa mediação". E foi exatamente essa ação oculta que busquei investigar: A forma tão profunda e, ao mesmo tempo, tão despercebida que a cultura de massa nos molda.

Agora que sabia o nome da conexão entre ambos, faltava nomear cada um dos pontos, alguns germinaram em minha mente, e assim surgiram os pontos de Pressão estética, paradoxo do espectador inexistente, o mercado do amor, o excesso de tela e cobrança universal, em seguida tive diversas ideias de composições que sequenciaram a temática, entretanto, diferente das outras, essas resolvi lançar o linear diretamente na tela, foram elas, entretenimento vazio, cegueira do próprio potencial, glamourização da melancolia e a desproteção feminina em meio a sociedade, de vários outros foram os escolhidos pela constância com que os mesmos apareceram. Tendo planejado nove telas, acreditava que tinha atingido a completude dessa série de trabalhos, mas após começar a fazer a imprimatura em cada uma das pequenas telas, comecei a pensar como os trabalhos seriam expostos e se iriam ter mais elementos na exposição. Partindo desse pensamento tive uma ideia interessante, instalações, mesas com objetos que dialogassem com a temática de cada um deles e seu estilo, mas um ponto me incomodava, o realismo e o ângulo. A visão que tinha sobre cada uma dessas instalações era de um ponto e ângulo muito específico, eu havia planejado apenas com um ponto de vista específico, que se mudado, talvez mudasse completamente o sentido.

Com essa questão tomando minha mente, resolvi com uma saída que casava completamente com a construção da série, ao invés de fazer instalações, optei por pinturas com uma visão em primeira pessoa, como se fossem continuações no ponto de vista da personagem que integra cada um dos quadros. Iniciei o rascunho da continuação de suas histórias. Ao invés de utilizar um suporte quadrado como nos primeiros quadros, resolvi utilizar suportes retangulares compridos, enquanto o objetivo dos quadros pequenos e quadrados, era remeter ao feed do instagram, o retangular foi escolhido por seu formato amplo que se assemelha com a forma que enxergamos e, também influenciado pelo fato da ideia inicial ter sido construída pensando em instalações de mesas. Revisitei os rascunhos que havia feito sobre a possível instalação de mesas que havia montado para cada tema e analisei novamente cada uma das composições. Trabalhar com a continuação de obras fez com que me sentisse trabalhando com continuações de um longa metragem, cada detalhe, cor, elemento, são chaves quando se constroi a continuação de uma narrativa, prestar atenção a essas minuciosidades era de extrema importância, afinal de contas, trocar uma cor, deixar de pensar um elemento específico compositivo, já acabaria com toda a sequência e sua história. Os rascunhos foram feitos todos nas mesmas folhas, em tamanhos reduzidos para que ao analisar a totalidade, conseguisse ver se havia coerência visual e semântica, visto que além de ter uma boa integração com sua antecessora, eles deveriam condizer com o estilo de todos os outros. Seguindo a mesma sequência dos primeiros quadros para desenvolver os posteriores, como eles foram desenvolvidos em uma ordem inicialmente aleatória, acreditava que seguir essa mesma ordem poderia ajudar na hora de compor o restante das histórias. Estando entendido o tema sobre da série, segui juntando imagens de referências montando um moodboard e buscando autores e obras que abordassem sobre o tema. Em determinado momento, consultando as diversas fontes que estava utilizando, voltei atrás em alguns rascunhos, modificando alguns aspectos das composições. Com uma base teórica estruturada em pilares mais precisos, o desenvolvimento das obras passou a se conversar de forma mais coerente.

Tendo absorvido a noção de "Indústria Cultural" de Adorno e a "sociedade do espetáculo" de Debord, pude desenvolver a lente crítica para entender a massificação da estética e a transformação da experiência em mercadoria, temas centrais para a "pressão estética" e o "entretenimento vazio". A partir deles, pude enxergar a cultura de massa não como um fenômeno espontâneo, mas como um sistema que produz e gera desejos.

Para dar corpo a essa crítica, os conceitos de "Após o fim arte" de Danto e da "Estética Relacional" de Bourriaud foram fundamentais. Danto retratou o peso da pressão e obrigação de representar o mundo fielmente, permitindo que as composições se tornassem "filosofias disfarçadas", ela não ilustra uma teoria, mas realiza um pensamento sensível. Já Bourriaud me inspirou a pensar nas obras não como objetos isolados, mas como proposições que poderiam criar micro-esferas de diálogo e confronto com o espectador, abordando o "paradoxo do espectador inexistente" ao tentar invocar sua presença e reação.

A Poética do Devaneio de Bachelard trouxe um contraponto sensível para a dureza da crítica social. Foi através da ideia do devaneio poético que consegui trabalhar a "glamourização da melancolia" não como um simples clichê, mas como um espaço íntimo de fuga e reconstrução do eu perante às pressões externas. Por fim, a leitura de O Fotográfico de Rosalind Krauss foi crucial para a metodologia, sua desconstrução do médium e seu destaque no campo expandido da fotografia. Sua obra me ensinou a tratar a imagem de referência não como uma verdade, mas como um signo a ser manipulado, cortado e recontextualizado para revelar suas estruturas ocultas, uma operação essencial para discutir a "cegueira do próprio potencial" e a "desproteção feminina" impostas por essas mesmas estruturas visuais dominantes.

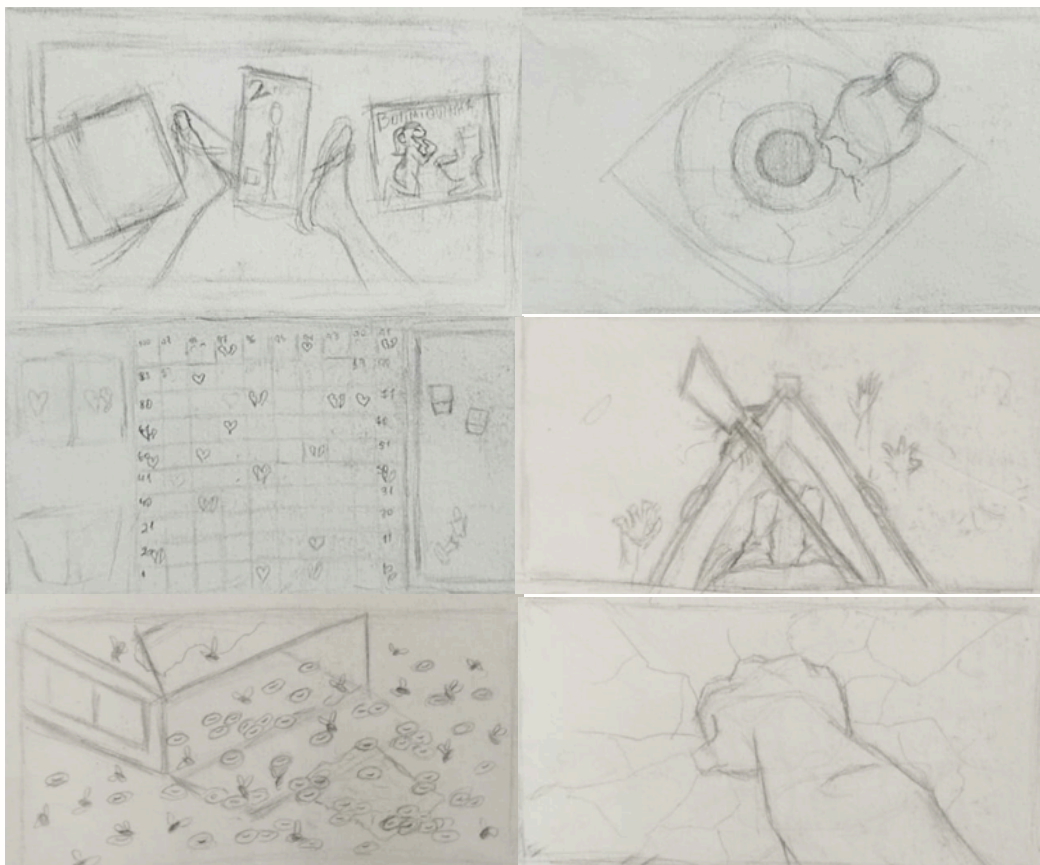


Figura 12: Rascunhos sem nome na mesma folha.

4. Pressão estética

A pressão estética é o mal mais antigo que assola o público feminino em geral, sejam crianças, adolescentes, adultas ou idosas, sua idade é indiferente para a cobrança de padrões impostos pela sociedade. Como uma mulher negra, gorda, com um rosto que foge dos padrões eurocêntricos implantados por conta do colonialismo, falo com propriedade.

A cobrança estética inicialmente surge de uma forma sutil, geralmente disfarçada de comentários e dicas como: “Seu cabelo deve ficar lindo liso” e “Se você fosse um pouco mais magrinha essa roupa ia ficar linda”. Quando não são os comentários que nos fazem questionar a nossa beleza, são as auto comparações que acabamos fazendo, quando crianças nos comparamos as princesas da Disney e a Barbie, quando adolescentes e adultos, a celebridades do momento e pessoas conhecidas que consideramos bonitas e por fim quando mais velhas nos comparamos as mais jovens.

Esse ciclo de insatisfação com a aparência e a busca por um padrão inalcançável é uma construção antiga que continua se propagando através das mídias de comunicação, em propagandas, filmes, brinquedos, livros, programas de TV e nas redes sociais. Em 2014, a marca *Victoria's Secret*, lançou uma campanha com o slogan “*the perfect body*”, onde haviam apenas corpos extremamente magros exibidos, reforçando a glamourização da magreza extrema. Edição de março de 2007 (ed. 168) da revista *Marie Claire* em , que traziam com certa frequência, seções de beleza com técnicas de contorno para afinar o nariz e definir traços, reforçando padrões eurocêntricos. A situação foi se tornando cada vez mais problemática quando, com a explosão das cirurgias plásticas, que já fizeram com que diversas pessoas, em busca de um padrão ideal, tivessem diversas sequelas graves por exemplo em 2020 uma influencer que teve o nariz necrosado por conta de uma rinoplastia, ou até mesmo acabam morrendo em busca de uma beleza irreal, como em julho de 2025, quando uma empresária morreu durante o processo de uma lipoaspiração.

“A beleza tornou-se um imperativo moral, e a feiura uma falha de caráter na economia visual contemporânea.” (DANTO, 2006, p.89) dando continuidade com as palavras de Danto, a “beleza” se faz um diferencial na sociedade, se consideram que sua beleza segue os padrões pré estabelecidos, você consegue chegar em lugares inalcançáveis, mas se você não possui uma boa aparência, se torna uma falha no sistema, com as redes sociais está divisão ficou ainda mais clara quando uma mulher padrão grava um vídeo de 15 segundos balançando o cabelo, viraliza rapidamente, enquanto uma mulher que foge dos padrões precisa se esforçar para fazer com que seus vídeos alcancem certa visibilidade.

Por um longo período da minha pré adolescência e adolescência, duvidei tanto da minha aparência, que a partir disso comecei a seguir todas as dicas de “beleza” e entrei em um ciclo vicioso insatisfação com a autoimagem em busca de um ideal que não existia, algo comum, principalmente entre mulheres, buscando dicas em revistas adolescentes e vídeos que apontavam, majoritariamente como uma falha na tentativa de beleza, todos os traços que possuía.

Tendo os pontos principais do quadro definidos e a imprimatura pronta, comecei a fazer o rascunho com um lápis aquarelável, durante o processo de passar o desenho para tela, acabei adaptando alguns elementos como a cabeça modelada, proporções corporais da figura e pequenos detalhes do cenário, depois cobri o rascunho com canetas acrílicas, preenchendo algumas áreas para definir as cores a serem usadas e como seriam distribuídas pela tela. Iniciando a pintura, comecei a neutralizar o verde do fundo nas partes que achei mais necessárias como, na pele da menina e a tela da televisão, em seguida, preenchi com uma camada mais espessa as áreas da pintura, formando grandes blocos de cor, dando continuidade vim adicionando luzes e sombras. Após o trabalho parcialmente finalizado, fiz mais algumas alterações. Inicialmente, o planejado era que ela não tivesse nada em seu rosto, não tivesse uma identidade, porém tendo refletido um pouco mais sobre a composição resolvi utilizar uma figura comum na cultura pop, seja em filmes de terror ou em estampas, o “smiley” (emoji amarelo de sorriso) é universal, mas ainda sim simples, se aplicado no rosto da figura ela se torna sem uma identidade, mas também reconhecível. Aproveitando o pote de massinha introduzido na narrativa, utilizei a mesma cor dela, para o “rosto” da menina.



Figura 13: Moodboard de “Sintonizando a beleza”

Como o tema central era pressão estética, senti que deveria por algo mais, um detalhe sutil que mostra-se um traço de vaidade presente na figura, de imediato me lembrei de algo que adorava fazer quando criança para receber elogios, pintar a unha. Fiz pequenas unhas brancas e rosas em suas mãos e pés, além disso também detalhei elementos de fundo para obter um efeito lúdico mas que ainda sim remete ao real. Por fim, atingi o resultado e a sensação de completude no primeiro quadro. Com uma composição que grita seu tema, bem balanceada em formas e cores.

“Sintonizando a beleza” narra a visão de uma criança sobre a forma como a pressão é imposta pelas mídias de formas muitas vezes indiretas, por isso uma mulher padrão, com tons de rosa visualmente estimulantes e convidativos. O reflexo dessa influência se torna uma admiração pelo outro e uma rejeição da própria identidade, com ela tentando moldar um rosto com todas as características reforçadas como traços de beleza, enquanto fragmentos do seu rosto, estão largados pelo chão, seu nariz caindo sobre o chão e os olhos apoiados atrás dos pés, arrancados de sua face mais ainda sim virados e vidrados pela imagem vendida pela televisão. Em seu rosto, olhos e boca provisórios feitos de massinha. Esta representação foi feita de um apanhado de situações pela qual muitas pessoas e eu mesma passei, a rejeição pela própria imagem por entender que ela não é válida e a busca por um padrão de beleza inalcançável. A insatisfação com a própria imagem se torna tão grande que qualquer coisa para colocar no lugar dos traços “defeituosos” é melhor que permanecer com eles.



Figura 14: Processo da pintura "Sintonizando a beleza"

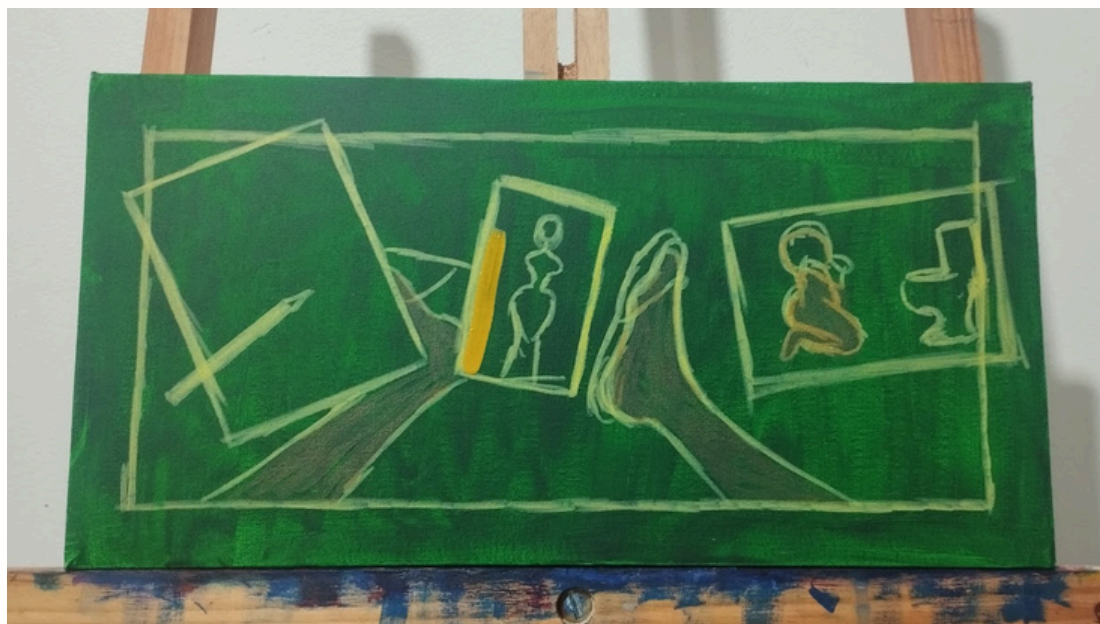


Figura 15: Processo da pintura "Sintonizando a beleza - parte 2"



Figura 16: "Sintonizando a beleza" - acrílica sobre teal, 20x20cm.

Iniciando o rascunho da parte dois de "Sintonizando a beleza", como já havia retratado a sala de minha casa, decidi utilizar de outro objeto que também fazia parte da decoração, mas não foi incluído na primeira composição, uma pequena mesa de centro de madeira com o tampo de vidro, onde costumava brincar com frequência. "Sintonizando a beleza - Part 2" dá continuidade à narrativa, retratando a superfície de uma mesa de centro com tampo de vidro que atua como uma vitrine invertida: através da transparência, vemos os pés da criança, posicionados abaixo do peso das expectativas dispostos sobre o vidro. Jennie Heri-K, cujo nome carrega o eco sonoro de sua própria natureza, o padrão "genérico". Ela é o exemplo absoluto da garota bonita vendida pelas mídias, uma figura sem traços de humanidade que dita o que deve ser admirado, uma lista de presentes iluminando o hiperconsumismo infanto-juvenil de produtos de beleza. Não são mais brinquedos, mas um inventário de produtos químicos e estéticos. Essa busca por um padrão inalcançável encontra seu ápice na "Bulimiquinha", uma representação crua dos sacrifícios e das dores que o mundo cor-de-rosa tenta romantizar. Ao invés de se tornar o centro para as brincadeiras, a mesa de vidro, se torna uma vitrine dos instrumentos de uma rejeição silenciosa.



Figura 17: "Sintonizando a beleza - parte 2" - Acrílica sobre tela, 20x40cm.

5. Paradoxo do espectador inexistente

Com a evolução das redes sociais, surgem novos impactos na sociedade, alguns bons, como a capacidade de socializar a distância de forma rápida, conhecer pessoas de outros estados ou até mesmo de outros países, porém também temos a parte ruim, a dependência de ter espectadores de sua rotina.

Conforme o mundo online ia se moldando surgiram personalidades que passaram a estar no topo da hierarquia das redes e ditar tendências ou trends online, os famigerados influencers, cultuados como exemplos de perfeição ao qual todos querem seguir. Independente dos seus nichos todos possuem uma coisa em comum, espectadores, espectadores esses que buscam incessantemente o mesmo estilo de vida, status e principalmente os próprios seguidores que os idolatrem com devoção.

Em fevereiro de 2018, a socialite, Kylie Jenner postando apenas a foto da mão da sua primogênita recém nascida, alcançou 18 milhões de curtidas, uma foto simples, mas que mostrou a grande quantidade de seguidores que ela possuía, em contraste, milhares de pessoas, na sua maioria adolescentes, busca o ângulo certo com uma iluminação ideal para ter uma foto perfeita, que gere um alto número de curtidas para eles, isso quando muito comumente, não recorrem a o desespero maior, procurar fotos na internet para postar e integrar o seu perfil, se tornando o que atualmente é conhecido como “*Aesthetic*”, termo utilizado para se referir a tudo o que é esteticamente bonito ou agradável, tudo em busca de uma aprovação, em busca de mostrar para terceiros, o quanto a própria vida é invejável. E quando não se consegue as curtidas desejadas, a visualização de uma pessoa em específico? vem a frustração. Logo após a pessoa postar algo sobre seu dia ou alguma novidade no seu perfil, ela parte para fazer outras atividades ou tarefas, mas sempre revisitando o próprio post para monitorar sua relevância.

“Nós olhamos para nós mesmos através dos olhos dos outros, mesmo quando esses olhos são imaginários” (BERGER, 1999, p. 9.), essa citação de Berger se encaixa perfeitamente nesse pensamento pois, ninguém está nos avaliando e analisando nas redes, mas mesmo assim, buscamos uma constante avaliação de espectadores que não existem, que são apenas fruto de nossas próprias paranoias.

O rascunho do mesmo surgiu logo em seguida do rascunho de “Sintonizando a beleza”, talvez por isso alguns elementos compositivos tenham respingando nele, como a composição em “L” presente em ambos. Com uma imprimatura de laranja, iniciei o rascunho com lápis aquarelável e comecei a alterar pequenos elementos da composição que achei necessário, fui construindo a paisagem, iniciando a pintura do fundo para o primeiro plano, onde executei o mesmo processo de construção do primeiro, para as cores decidi trabalhar com tons quentes que remetesse ao tropical, que trouxesse também um ar de aconchego, em contraponto utilizei para pequenos detalhes de figurino da personagem e fragmentos do cenário, alguns tons de verde e azul que tivessem um tom um pouco mais quente.

“Não! Ninguém está olhando” surge como a visão de uma jovem sobre a vida além dos seguidores, uma figura feminina que se sente como um peixe fora d’água quando, sentada em uma mesa à beira mar, degustando sua bebida de olhos que ao mesmo tempo que admiram julgam, a personagem com seus olhos fechados, nem sequer vê a beleza do momento, ela se mantém desgostosa do momento em que se encontra, pois não há plateia, nem público para engajar aquele momento, o que o torna decepcionante e melancólico.



Figura 18: Moodboard de “Não! Ninguém está olhando”.

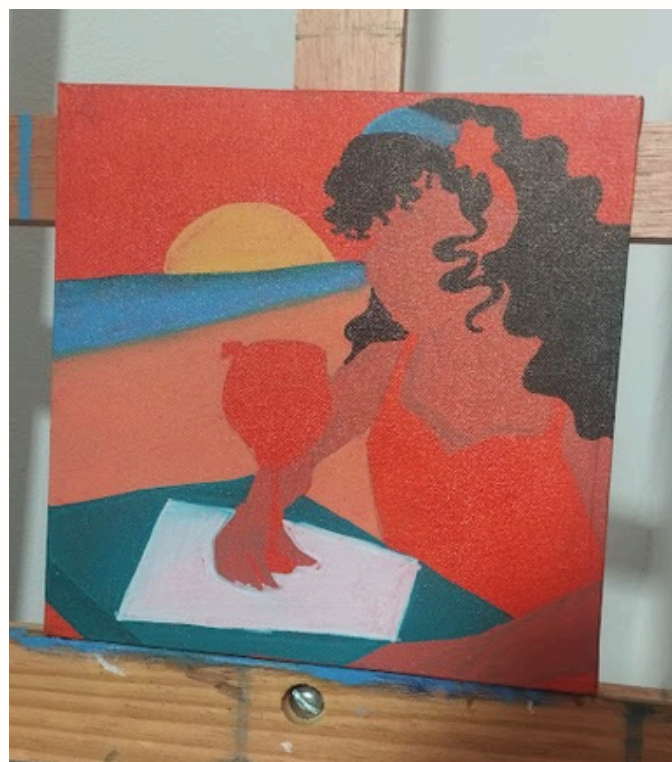


Figura 19: Processo da pintura “Não! Ninguém está olhando”.



Figura 20: "Não! Ninguém está olhando" - Acrilica sobre tela, 20x20 cm.

Para dar sequência a "Não! Ninguém está olhando", mantive a mesa no quadro sucessor, dessa vez como o fundo e não como elemento. Os olhos presentes na bebida, agora se tornam apenas um olho gigante. Preparei a tela com uma imprimatura laranja e comecei a passar o desenho para o quadro com uma caneta acrílica, acertando algumas proporções, ao invés de manter a mesa verde, como no primeiro quadro, resolvi modificar a cor, usar para mesa o laranja do fundo e aplicar o verde da mesa em na toalha.

"Não! Ninguém está olhando - Parte 2" narra a visão de uma existência que se sente asfixiada e julgada quando exposta e define quando se encontra no silêncio do anonimato. É o reflexo de uma necessidade desesperada de ser observada por uma plateia digital que, embora muitas vezes ausente, dita o valor da própria imagem. A mesma mão que fere o olho, é a mão que retorna para oferecer um afago. Esse gesto simboliza o ciclo vicioso da exposição moderna, onde a ferramenta que nos agride com comparações e expectativas irreais é a mesma que buscamos para encontrar conforto e validação. O olho, avermelhado e exposto sobre uma renda que remete ao doméstico e ao íntimo, torna o campo de batalha entre o medo da crítica e o pavor de não existir.



Figura 21: "Não! Ninguém está olhando - parte 2" - Acrilica sobre tela, 20x20 cm.

6. Mercado do amor

A busca pelo amor romântico se tornou quase como uma caça a unicórnios, de tão irreal que se parece, especialmente com a degradação do romantismo em meio a sociedade contemporânea, que atualmente se encontra cada vez mais escassa de conexões reais e genuínas.

Por muitas vezes acabamos buscando em lugares às vezes ausentes deles, como os aplicativos de relacionamentos, que no final das contas se tornaram mais um serviço “Fastlove”. Certa vez, quando ainda me aventurava em aplicativos de relacionamento, enquanto desenvolvia uma conversa baseada em uma semente de interesse em comum, fui surpreendida com “Olha eu vou logo avisando que não estou afim de nada sério”, tinham 10 minutos que estávamos conversando. Assim como também, conversando com outra pessoa, fui convidada pra sair no dia seguinte, ambas as experiências me mostraram que há duas movimentações diferentes, a de já classificar um relacionamento descartável e a de estar desesperado para conseguir um relacionamento e eu estava no limbo entre eles.

A necessidade imediata de constituir uma relação é apenas um dos diversos problemas que levam a tentativa falha de encontrar um relacionamento, as pessoas têm interesses rasos, não conseguem constituir uma conexão, ou ao menos uma proximidade decente, não querem se dar ao trabalho de entender umas às outras, elas estão tão desesperadas para viver algo que não compreendem direito e nunca viveram e acabam caindo em um precipício de relacionamentos ruins pela necessidade de um relacionamento imediato.

A sensação de se sentir amada e parte de outras pessoas é realmente fantástica, mas o caminho que se percorre para tentar chegar nesse ponto é repleto de diversidade e percalços, em sua grande maioria as pessoas não estão preparadas para lidar com o outro e às vezes nem consigo mesma. Afinal de contas, Porque as pessoas estão tão ansiosas para encontrar alguém? Simples, as mídias desde muito tempo acabam por vincular felicidade à constituição de um relacionamento, atualmente, também começaram a vender uma outra alternativa, o amor líquido, onde as pessoas procuram algo mais fluido sem tanto envolvimento, algo mais descartável.

Mesmo sendo diferentes, ambos possuem um ponto em comum, a descartabilidade do outro, no caso de uma pessoa que busca um romance idealizado a partir de filmes, se a pessoa não atende a seus critérios, ela é descartada, no caso de quem procura relacionamentos mais casuais, quando se cansa ou encontra outra pessoa mais interessante, a anterior é descartada. “*O amor é reduzido a romance padronizado, como um filme de Hollywood*” (ADORNO, 2009, p. 102), As palavras de Theodor Adorno traduzem perfeitamente o momento em que vivemos, ambos tipos de busca vão seguindo esse ciclo de descarte sem fim, tratando pessoas como pequenos objetos extremamente substituíveis, até porque, caso essa pessoa não se encaixe em seus pré requisitos, os apps sempre vão encontrar outra para repor o estoque.

Seguindo o mesmo método de construção, para a temática do mercado do amor, decidi por uma imprimatura em rosa claro, reforçando o tom amoroso. Enquanto passava o rascunho para tela algo me incomodava um pouco na expressão da personagem, parecia morna, simples demais, faltava mais audácia em seu jeito, faltava um ar mais feroz, sendo assim modifiquei a dentição por uma com presas. O uso de magenta amarelo, azul e verde, foi inspirado diretamente nas paletas de cor de jogos de tabuleiro de namoro, como o previamente mencionado “Dream fone”. Para destacar os peões, e sua materialidade plástica, utilizei um contorno em tom claro ao invés do contorno escuro que costumava usar.

Assim nasceu “Love game”, enquanto a figura tenta concluir o “jogo”, ela passa a eliminar os peões vivos sem qualquer tipo de remorso, mas sim, com prazer e alegria vitoriosa, suas presas e seu olhar demonstram a sua disposição para sempre atacar uma presa, eliminando todos os piões que atrapalhem ou não entrem no seu jogo, sempre tendo em mente que para cada pião quebrado a sempre um novo para entrar no tabuleiro.



Figura 24: "Love game©" - Acrilica sobre tela, 20x20 cm.

Durante a construção de "Love game - parte 2" resolvi focar no tabuleiro, no jogo ditado pela figura do quadro anterior. Para o tabuleiro usei como referência o tabuleiro de "Jumanji", "Cobras e escadas" e baralho do "Uno". Segui o utilizando os mesmos peões, para sinalizar que se trata do mesmo jogo. Boa parte do quadro mantém o fundo respirando, um rosa pouco saturado e muito iluminado e o mesmo estilo de construção padrão, caneta acrílica e logo em seguida tinta acrílica.

"Love game - Part 2" dá continuidade se aprofundando na metáfora do amor como um jogo de tabuleiro. Neste estágio da partida, o cenário revela o mecanismo cruel dessa diversão, as casas numeradas entre corações plenos e partidos são o caminho onde o outro não passa de uma peça a ser movida ou descartada conforme a conveniência da jogada. O uso de cartas de bloqueio e inversão materializa a vontade de anular quem não se submete ao jogo. Os peões quebrados e fragmentados no canto, fica nítida a lógica da descartabilidade, a figura mantém o prazer da destruição sempre tendo em mente que, para cada peão quebrado, há sempre um novo substituto pronto para entrar no tabuleiro e alimentar o próximo turno desse jogo.

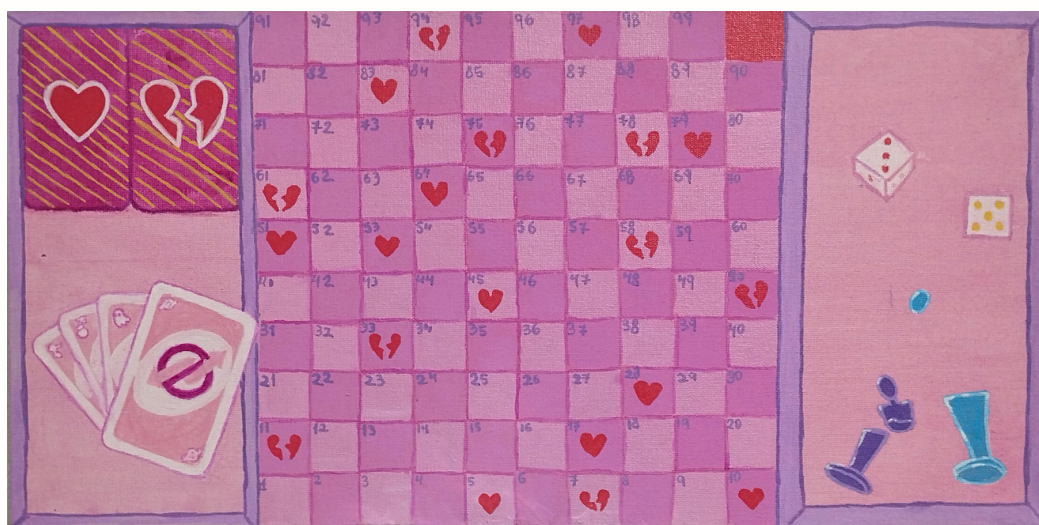


Figura 25: "Love game©-parte 2" - Acrilica sobre tela, 20x40 cm.

7. Excesso de informação e pensamentos

As telas se tornaram grandes aliadas do ser humano, com alguns cliques achamos a resposta para quase todas as dúvidas que se tem e, se descobre até mesmo aquilo que nem se imaginava pesquisar sobre, ficando cada vez mais curioso, o ser humano vai rolando a tela e descobrindo cada vez mais informações, algumas até que ele não gostaria de saber e quando ele se dá conta, sua mente não para de pensar em diversos acontecimentos e notícias que absorveu, que geram excesso de pensamentos. Algumas vezes, quando me pego deslizando o feed e vejo diversas notícias, é como uma espécie de síndrome de Estocolmo pela péssima sensação que elas me causam. Mesmo tendo plena consciência sobre o mal que elas fazem, não consigo parar de vê-las. Essa contradição revela a profundidade do problema.

No mundo das redes sociais, se tornou completamente comum a imprensa ter perfis, porém com o decorrer do tempo começaram a surgir perfis informativos (perfis de fofoca) que compartilham acontecimentos internacionais, nacionais, regionais e até mesmo locais. Se você escrever o nome do seu bairro seguido da palavra news, notícias ou adjacentes, tenho certeza que você vai encontrar pelo menos um perfil, geralmente eles são criados com o objetivo de informar sobre o que acontece no bairro, mas acabam se tornando um portal de tragédias regionais, tudo por que a maioria das notícias se tornam sobre acidentes, mortes e por aí vai.

“A indústria cultural aprisiona os indivíduos em ciclos de ansiedade e consumo” (ADORNO, 2009, p. 115), nossa mente instintivamente acaba sendo atraída por notícias negativas por uma questão de querer entender ameaças e uma forma de se prevenir delas, logo a pessoa começa a ler sobre e pesquisar cada vez mais sobre aquele caso e fica sabendo de diversos outros. Na maior parte dos casos, as pessoas passam um dia estressante no trabalho e quando têm acesso às redes começam a absorver esse tipo de notícia pouco antes de dormir, o que nos gera uma grande ansiedade e angústia. Como aponta a Superinteressante, “o cérebro humano é programado para prestar atenção em ameaças, e as redes sociais sabem disso” (SUPERINTERESSANTE, 2023), o que intensifica o ciclo de consumo de conteúdo negativo. Além disso, a mesma matéria destaca que “74% das pessoas que consomem esse tipo de conteúdo de forma compulsiva relatam problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão” (SUPERINTERESSANTE, 2023), evidenciando que o hábito de rolar a tela sem parar não é apenas uma distração, mas um gatilho emocional profundo.

Para o quarto quadro levei em consideração um ponto importante no tema abordado, a alta exposição e excesso de tela, na grande maioria dos casos se dá à noite, pelo fato de muitos trabalhadores e estudantes terem um expediente que vai algumas vezes até as 18h. Logo decidi por uma imprimatura em violeta escuro, para representar o escuro do céu noturno. Construí as dunas e areia em um tom de ocre alaranjado. Depois de ter pintado resolvi adicionei elementos que dialogassem sobre, e que não focassem só na personagem perdida no cenário. Adicionei bem ao fundo, distante da personagem uma cama, à frente da personagem, bússola, relógio e celular.

“Deserto DoomScrolling” surge de um sentimento de agonia, quando se percebe estar sendo engolida pelo excesso de informações ruins. A figura parcialmente engolida pela areia movediça tenta, ainda assim, se manter sobre a superfície em meio à escuridão, iluminando o pouco que seu olhar vazio consegue ver, perdida, sendo engolida pelo excesso de informações e ruminando cada uma das terríveis notícias que viu, se afundando em ansiedade e angústia.

Para sua continuação imaginei como se a mesma tivesse desequilibrado o peso da parte superior de seu corpo e assim afundando suas mãos nesse mar de areia. Tendo as mãos afundadas, junto com aparelhos celulares, surgiu a ideia da iluminação vir de dentro da areia e o resto do ambiente estar mais escurecido. Fiz uma imprimatura violeta, escuro e bem forte, utilizei a caneta acrílica para construir os objetos da composição e logo em seguida vim pintando. aqui ela está sozinha, em um infinito deserto, sendo engolida por areia. A pose



Figura 28: "Deserto Doomscrolling" - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

"Deserto DoomScrolling - Part 2" aprofunda o sentimento de agonia e paralisia, Se antes a figura ainda tentava se manter na superfície, aqui as mãos surgem como o último vestígio de uma resistência que se foi, mergulhadas no vazio, tendo perdido sua função de agir, a ansiedade e a angústia deixam de ser internas e se tornam o ambiente em si, onde cada tentativa de movimento para escapar apenas confirma o destino de ser engolida pela própria ruminação das terríveis notícias.

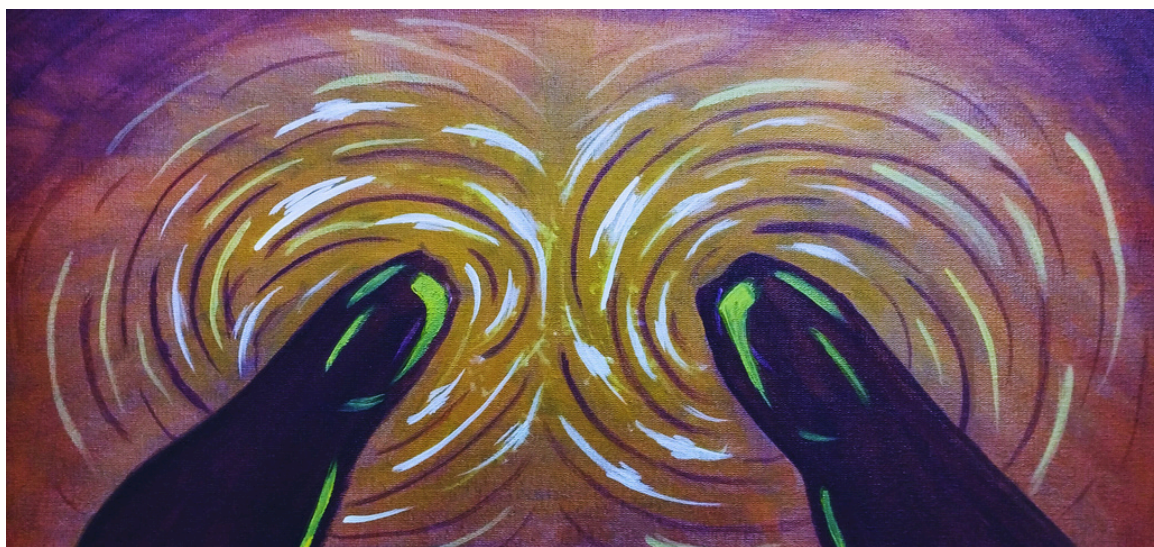


Figura 29: "Deserto Doomscrolling - parte 2" - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

8.Cobrança universal

A cobrança é uma sombra que nos segue de muitos lugares diferentes, chegando através dos outros, da família, dos amigos, do trabalho e até mesmo crescendo dentro de nós, como uma voz que nunca se cala. Nos fazem acreditar na ideia de que essa pressão é um motivador, algo que vai nos fazer alcançar nosso potencial, mas a verdade é que ela faz o completo oposto, ao em vez de nos empurrar para frente, ela nos puxa enquanto diz que não somos o suficiente. Aquilo que já víamos como uma falha, um ponto a melhorar, vira uma ferida que parece nunca fechar.

Essa exigência constante me fez lembrar das palavras de Debord, “A vida transformada em imagem gera uma dívida existencial impagável: a de ser interessante o tempo todo. Nessa economia da atenção, somos cobrados não apenas por produzir, mas por performar nossa própria existência como espetáculo contínuo” (DEBORD, 1997, p. 45). É exatamente isso, não basta mais existir, temos que “performar” nossa existência. Cada momento vira conteúdo, cada conquista vira currículo, cada fraqueza vira falha a ser corrigida.

E o pior é quando essa lógica contamina até nossa relação com nós mesmos. Como apontam estudos na área de psicologia, vivemos uma “sociedade do desempenho”, onde o dever é otimizar tudo, inclusive a nós mesmos. A felicidade, o lazer, o amor, tudo parece ter se tornado mais uma meta a ser alcançada, e não uma experiência a ser vivida. Essa busca por uma versão idealizada de nós mesmos, nos aprisiona na angústia de nunca estarmos à altura, nem da sociedade, nem da imagem que criamos de quem “deveríamos” ser. No fim das contas, a cobrança mais cruel e dolorosa não é a que vem de fora, é a que a gente mesmo reproduz, como se fosse nossa. É a que nos faz acreditar que precisamos ser impecáveis, quando tudo o que queremos, é simplesmente estar e ser. A cobrança nos faz buscar pelo inatingível, pois sempre vai haver algo a ser aperfeiçoado, sendo assim decidi trabalhar com uma imprimatura de roxo um pouco mais claro, afinal de contas em sua historiografia, ele era o pigmento mais difícil e caro de se obter, ele metaforiza o inalcançável que nos é imposto.

Passando do rascunho para a tela, resolvi aumentar a quantidade de mãos na composição, se pararmos para pensar quatro mãos é muito pouco para representar as diversas que nos cobram o tempo inteiro. Para o cenário o mar foi feito do roxo da imprimatura que deixei respirando na pintura, o céu foi pintado de um amarelo de cádmio escuro e laranja, trazendo uma tensão entre ambos. Nas paletas de cores do barco e do vestuário me inspirei em fantasias infantis de marinheira e em barcos de brinquedo e para cada mão da composição, escolhi um tom de pele diferente.

“Popa fisgada” é um retrato da maneira como a cobrança age, nos impedindo de prosseguir, nos puxando e dizendo o quanto somos inaptos. A personagem sentada na beira do barco, olhando para o horizonte, ao mesmo tempo que luta para continuar sua jornada, cede as mãos que tentam afundar, por mais que ela queira acreditar que é capaz, sempre há uma força para impedi-la dizendo que não.

Para a sequência, pensei que seria interessante que a personagem tivesse uma visão de cima do mar e de parte do barco, assim testei diversas poses, até escolher uma, em que dava para ver os pés, parte do dorso, o barco e o mar, era a pose ideal para composição. A construção do quadro foi feita da forma padrão como já vinha fazendo.

“Popa fisgada - Part 2” captura o momento em que o desejo de prosseguir é sufocado pela presença dessas mãos que não apenas puxam, mas que desestabilizam qualquer tentativa de equilíbrio. Por mais que haja uma vontade de acreditar na própria força, a personagem cede ao peso dessas cobranças externas e internas, vendo-se cercada por uma multidão de negações que tornam o horizonte cada vez mais distante. É a materialização da angústia de estar em um barco que, apesar de flutuar, está condenado à naufragar.



Figura 31: "Popa Fisgada" - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.



Figura 32: "Popa Fisgada - parte 2" - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

9. Entretenimento vazio

Você pega seu celular para checar uma mensagem rápida e... ZAP, se passaram duas horas. Esse tipo de acontecimento tem se tornado cada vez mais comum em meio à sociedade contemporânea, é quase como um movimento automático, um reflexo condicionado pela mania digital que nos cerca. As pessoas abrem redes sociais de vídeos curtos e passam horas completamente vidradas em conteúdos muitas vezes frívolos, desde, garrafas de vidro rolando escadas abaixo até quebrar, até máquinas triturando objetos aleatórios, como se a repetição do ocioso fosse um acalento para a mente cansada.

Esse comportamento não é casual, mas profundamente sintomático de um sistema que nos mantém presos em ciclos de consumo infinito, onde "a indústria do entretenimento cria uma demanda artificial por mais conteúdo, levando a um ciclo vicioso de consumo desenfreado" (SANTOS, 2023, p. 45). Como bem observou Adorno décadas atrás, com uma precisão quase que clarividente, "a indústria cultural aprisiona os indivíduos em ciclos de ansiedade e consumo" (ADORNO, 2009, p. 115) uma afirmação que se tornou a mais pura realidade do mundo contemporâneo, onde nos tornamos tanto consumidores e produtos ao mesmo tempo.

Os usuários das redes sociais seguem esse ciclo vicioso na procura por entretenimentos vazios de conteúdo, movimento particularmente impulsionado pela busca de dopamina fácil que cada novo vídeo promete entregar. Esses estímulos rápidos até podem trazer um breve prazer momentâneo, um alívio temporário para o tédio ou a ansiedade, mas "o consumo desenfreado de entretenimento vazio não apenas reflete, mas também alimenta uma sociedade do excesso, onde a quantidade supera a qualidade e o valor simbólico substitui o substantivo" (SANTOS, 2023, p. 48), apodrecendo continuamente nossa cognição, nosso interesse pelo complexo e profundo. Quantas vezes, após ser engolido por esse conteúdo e regurgitado de volta à realidade, você não se sentiu como se tivesse despejado uma jarra de ácido no seu cérebro? A sensação é de como se ele estivesse se derretendo e se desfazendo aos poucos, corroído pela superficialidade, pela falta de sentido, pela repetição infinita do mesmo conteúdo replicado.

Esse consumo de conteúdo vazio, se tornou parte do cotidiano, em casa, transportes públicos, trabalho, escola, faculdade e em outros tantos lugares, sempre tem alguém assistindo vídeos patéticos que nem sequer exigem 1% de nossa capacidade cerebral para processar e compreender. São cenas que não desafiam, não provocam, não transformam, apenas ocupam espaço, preenchem tempo, distraem da vida real. E assim continuamos, rolando a tela sem parar, alimentando um vazio que, ironicamente, nos consome de volta, a cada deslizada, cada view, cada like é mais uma gota desse ácido consumido por nós mesmos, que nos prende apreciando o mais vasto nada, nos fazendo esquecer de construir algo, e quando percebemos, já nos tornamos prisioneiros nossa própria distração. Quando falamos de entreter, automaticamente, ligo a toda e qualquer coisa que possa prender a nossa atenção, percebi que um tom de amarelo seria a melhor escolha para a imprimatura do sexto quadro, já que esse tipo de entretenimento prende a nossa atenção e o amarelo é uma cor que instiga a atenção.

Peguei meus marcadores acrílicos e comecei a fazer a marcação direta na tela com um tom de amarelo que era mais claro, próximo a um tom pastel, e usei o mesmo método de construção dos anteriores. No início estava dividida entre duas paletas, uma mais colorida e chamativa e outra com tons de verde musgo e tons mais cinzentos e terrosos, que remetesse a algo decomposto e estragado, mas no fim resolvi utilizar ambos de forma harmônica, dividindo as cores mais chamativas concentradas na parte inferior do quadro, na tigela e as terrosas na parte superior, sobre a cabeça da figura. Uma figura feminina segurando uma vasilha sob sua cabeça, para despejar tudo o que foi derramado direto em sua mente e regurgitado logo em seguida.

"Filtro≡apenas a parte boa" é uma exibição alegórica de como o entretenimento vazio é processado, o líquido, podre e nocivo é derramado em nossa mente, inundando nossa mente e revirando nossos olhos de agonia, enquanto ainda sim regurgitamos a como se fosse algo incrível, e de extremo prestígio, sem nem se dar conta do veneno que escorre de nós, corroendo o cérebro a cada gota.



Figura 35: "Filtro≡apenas a parte boa" - Acrilica sobre tela, 20x20 cm.

"Filtro≡apenas a parte boa - parte 2" dá continuidade à exibição alegórica de como o entretenimento vazio é processado, deslocando o olhar da mente inundada para o produto final desse consumo nocivo. A obra apresenta uma caixa de cereais coloridos tombada, espalhando argolas vibrantes que, sob a aparência de um café da manhã lúdico e inofensivo, mascaram o conteúdo podre que regurgitamos sem perceber. A tabela nutricional na lateral da caixa denuncia o verdadeiro veneno que escorre de nós: doses cavalares de dopamina fácil, procrastinação e esvaziamento cognitivo, revelando o custo real da exaustão emocional que corrói o cérebro a cada gota desse entretenimento.



Figura 36: "Filtro≡apenas a parte boa - parte 2" - Acrilica sobre tela, 20x40 cm.

10. Glamourização da tristeza

O ser humano é um composto de diversas emoções, alegria, raiva, medo, tristeza e muitas outras camadas que nos constituem. A tristeza, é algo completamente normal e necessário. Em algum momento da vida, todos já fomos ou seremos invadidos por esse sentimento, é completamente saudável e humano curtir a própria melancolia, chorar quando preciso, isolar-se no próprio canto, cada um tem seu próprio tempo e forma de lidar.

Porém, existe uma linha tênue e perigosa, quando a tristeza para de ser um sentimento e se torna um objeto de beleza e desejo? Quando a dor é substituída por sua representação estilizada? É nesse momento que ela deixa de ser algo natural e se transforma em algo bem mais perigoso. Nos meados dos anos 2010, popularizou-se uma tendência visual, uma estética inspirada na melancolia e no sofrimento. Nas redes sociais, especialmente em plataformas como Tumblr, Instagram e posteriormente TikTok, jovens começaram a compartilhar fotos que romantizam e glamourizam a tristeza, close-ups de olhos chorosos, silhuetas de pessoas gritando em angústia, imagens de mutilações e frases autodepreciativas transformadas em poesia sombria.

Não por acaso, pesquisas revelam que "o excesso de redes sociais está associado a 45% dos casos de ansiedade em jovens", criando um terreno fértil para que a dor se transforme em conteúdo (VEJA, 2023). Essa movimentação cultural não surgiu do mais absoluto nada. A dor, que deveria ser processada e elaborada, estava sendo convertida em recompensas sociais, em likes, elogios e compartilhamentos. Como bem aponta análise sobre o fenômeno, "a romantização do sofrimento nas redes sociais pode banalizar questões sérias de saúde mental, transformando sofrimento real em estética", mascarando a necessidade de apoio profissional (SÃO MARCOS ONLINE, 2023). A tristeza se tornou uma performance, e nesse processo de romantização, as pessoas passaram a distorcer inclusive o sentido original de diversas obras artísticas que justamente criticavam esse fenômeno.

Um caso bem popular foi "Suicide Room" (Sala Samobójców, 2011), filme polonês onde um adolescente entra em colapso mental após um vídeo íntimo vazar na internet, refugiando-se em um jogo online chamado "Suicide Room". A narrativa critica explicitamente a glamourização do sofrimento e como acelera os processos de autodestruição, atacando precisamente a estetização da dor como fuga da realidade. De forma estranhamente irônica, o filme foi apropriado pela mesma cultura que criticava. Jovens passaram a ver o protagonista não como um aviso, mas como um ícone. O mesmo fenômeno de distorção ocorreu com outras obras importantes. "13 Reasons Why", que pretendia alertar sobre bullying e suicídio adolescente, acabou glamourizando a ideia de vingança pós-morte e transformou o ato suicida em uma narrativa dramática. "As Vantagens de Ser Invisível", que mostra a importância da conexão humana na superação do trauma, viu sua mensagem ser ofuscada pela estética da melancolia sensível e introspectiva. A série britânica "Skins", que buscava mostrar as consequências devastadoras da autodestruição adolescente, teve seus personagens, principalmente, Effy Stonem, transformados em ícones de estilo, suas depressões e crises existenciais copiadas como se fossem um estilo, um acessório da mais alta tendência.

Essa apropriação cultural revela uma contradição problemática e preocupante, quanto mais uma sociedade torna visíveis os temas da saúde mental, maior o risco deles se tornarem atrações. A linha entre conscientização e glamourização é perigosamente tênue quando a dor vira tendência, o sofrimento se transforma em identidade visual e a tristeza verdadeira é substituída por sua representação estética. Quando a tristeza vira moda, aqueles que realmente sofrem podem ter sua dor diminuída, romantizada ou transformada, a beleza pode até habitar a dor de certa forma, mas nunca substituí-la.

"Se esbaldando em lágrimas" Narra à reflexão sobre a linha tênue e perigosa entre a tristeza saudável e a sua glamourização estética, onde a dor deixa de ser um sentimento natural para se tornar um objeto de desejo e performance. As bolhas e os vapores que emanam da poça, formada pelas lágrimas ácidas que corroem a pele da personagem, reflete como a romantização da dor e tristeza, pode ser bela e destrutiva, ela se torna um objeto estético enaltecidos por muitos, mas a cada gota você é cada vez mais corroída.



Figura 39: "Se esbaldando em lágrimas" - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

"Se esbaldando em lágrimas - Parte 2" retrata o estágio final desse processo, em que a personagem, submersa em um azul profundo, vê seu corpo ser corroído pela acidez das próprias lágrimas, mãos e pés em diferentes níveis de decomposição, onde a carne se desprende enquanto bolhas e vapores tóxicos emanam dos ossos expostos, refletindo a natureza destrutiva desse enaltecimento da melancolia. O que antes era apenas um machucado na pele agora expõe o esqueleto como prova de que a romantização da tristeza não é apenas uma performance visual, mas um veneno que consome o indivíduo de dentro para fora. A cada gota ácida que cai, a identidade é desintegrada, provando que quando a dor vira tendência, ela não apenas habita o corpo, ela destrói silenciosamente.



Figura 40: "Se esbaldando em lágrimas - parte 2" - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

11.Cegueira do próprio potencial

Os mesmos olhos que nos fazem ver com tanta clareza, às vezes parecem distorcer por completo o que está diante de nós. Em um dia nos sentimos a melhor pessoa do mundo, mas basta nos depararmos vidas aparentemente perfeitas, para toda a concepção que temos de nós mesmos ir por água abaixo. Corpos esculpidos, conquistas profissionais brilhantes, relacionamentos ideais, viagens de sonho, desejos não realizados ou que não possuem o mesmo nível do das outras pessoas. Esse mecanismo é cruel, antigo e silencioso, ele é a auto comparação. Não se trata mais de nos compararmos apenas com o colega de trabalho ou o vizinho, mas com uma quantidade absurda de pessoas, sucessos e belezas globais.

Esse processo não é tão bobo quanto aparenta, ele consome lentamente a autoestima, criando uma ferida que sangra dúvidas e inseguranças, começa de forma sutil, quase imperceptível, pensamentos pontuais aqui, uma sensação de inadequação ali, mas logo se transforma em uma indagação torturante, onde nossas conquistas parecem minúsculas diante dos sucessos alheios, nossas imperfeições se tornam monumentais frente comparada a dos outros. “Por que eu não fui selecionado? Será que meu trabalho é inferior ao dela?”, “Por que ele recebe tantos elogios e eu não? Será que as pessoas gostam menos de mim do que dele?”.

“A padronização sufoca a singularidade, transformando indivíduos em réplicas” (ADORNO, 2009, p. 87). A indústria cultural, agora potencializada pelos algoritmos das redes sociais, vende um modelo único de existência. Um padrão de beleza, de sucesso, de felicidade, enquanto absorvemos esse conteúdo de forma constante, começamos a nos enxergar pelos olhos que não nos pertencem, em um reflexo distorcido. Nossa singularidade, nossa história única, nossos talentos são ignorados e invalidados, por conta de uma busca exaustiva por nos encaixar em um molde que nunca foi feito para nós. Não é por acaso que marcas como Nike, Zara, Chanel e tantas outras acabam utilizando esse método de busca pelo que o outro tem ou é, alimentando ainda mais esse ciclo de comparação e insatisfação.

“O impacto desse ciclo na saúde mental é profundo e devastador. A exposição constante a corpos considerados ideais e estilos de vida glamourizados cria uma desconexão perigosa com a nossa própria realidade” (SAÚDE MENTAL EM FOCO, 2023, s.p.). Esta exposição pode desencadear uma série de problemas, como ansiedade, depressão e insatisfação crônica. Nosso cérebro, intoxicado por comparações injustas, começa a processar nossas próprias vidas como insuficientes. A beleza dos outros ofusca a nossa, o sucesso dos outros diminui as nossas conquistas, a alegria alheia torna a nossa felicidade comum e sem graça. “A comparação social constante pode levar a sentimentos de inferioridade, diminuir a autoestima e aumentar os níveis de estresse e ansiedade” (CATRACA LIVRE, 2023, s.p.). Quando nos medimos com a régua dos outros, contra um padrão estamos fadados ao fracasso. É uma corrida onde a linha de chegada se afasta a cada passo que damos. Essa frustração constante gera um ruído de fundo na mente, um descontentamento que corrói o prazer pelas pequenas coisas e pela nossa própria vida.

Nos tornamos carrascos de nossas próprias vidas, analisando cada detalhe com de forma extremamente crítica. O corpo deixa de ser nosso corpo e se torna um problema a ser corrigido nosso corpo, a carreira deixa de ser uma caminhada e se torna uma corrida onde sempre estamos em último, os relacionamentos não são baseados apenas nos afetos, mas nas performances para impressionar aos outros. A busca por validação externa substitui a construção de uma autoestima sólida e interna. Esquecemos que um corpo perfeito nos bastidores pode ser um relacionamento doentio com a alimentação, que o casal perfeito pode ser estruturado em uma base tóxica e abusiva e a carreira perfeita pode ser completamente insatisfatória. Consumimos a versão editada da vida alheia e a contrastamos com a versão crua da nossa própria existência, com todos os seus altos e baixos, suas dores e suas imperfeições, um desejo massificado de ser o que se vê. Perdemos a capacidade de nos admirar pelo que temos de diferente, de único. É preciso lembrar, a todo momento, que aquilo que vemos nas redes sociais é uma narrativa, não a realidade. É uma curadoria de momentos, não a totalidade da experiência humana.

“É você ou sou eu?” apresenta uma figura mística, feita de luz e pixels, perdida em uma sala de espelhos que a forcem a enxergar por olhos que não lhe pertencem, um reflexo distorcido onde a individualidade é ignorada e invalidada por um molde massificado que nunca foi feito para nós, estar nessa sala é viver uma corrida onde a linha de chegada se afasta a cada passo, pois contrastamos a versão crua e real da nossa vida com o brilho ofuscante e filtrado da vida do outro.

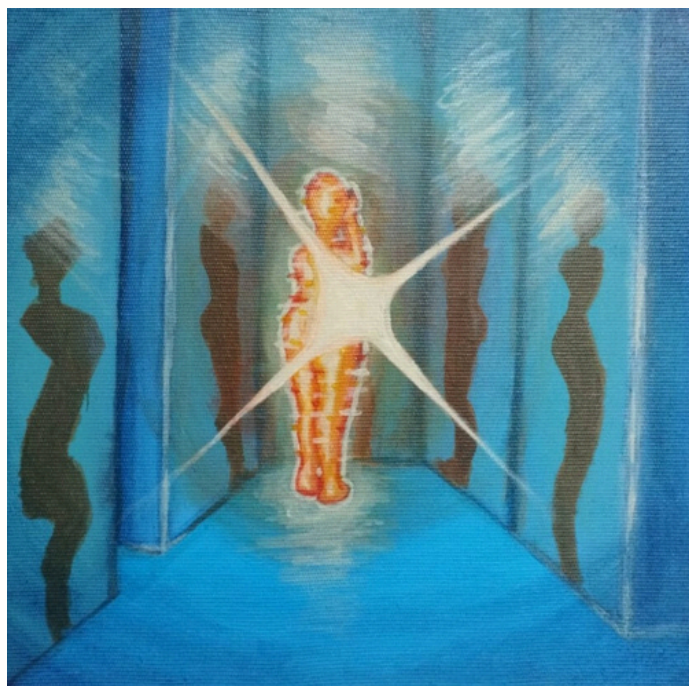


Figura 43: “É Você ou sou eu ?” - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

“É você ou sou eu? - parte 2” narra o colapso final dessa busca exaustiva pelo encaixe, apresentando uma mão golpeando um dos espelhos do mosaico de reflexos distorcidos, rompendo o ciclo de se olhar com olhos de outros. A composição revela a desconexão entre o ser e o parecer e a intoxicação por comparações injustas, onde o sucesso editado do outro ofusca o nosso brilho, reduzindo em ruídos insignificantes. Neste, a figura rompe com o ciclo vicioso, destruindo as imagens distorcidas de si mesma, focando apenas no brilho que reluz nos fragmentos de uma falsa imagem destruída.

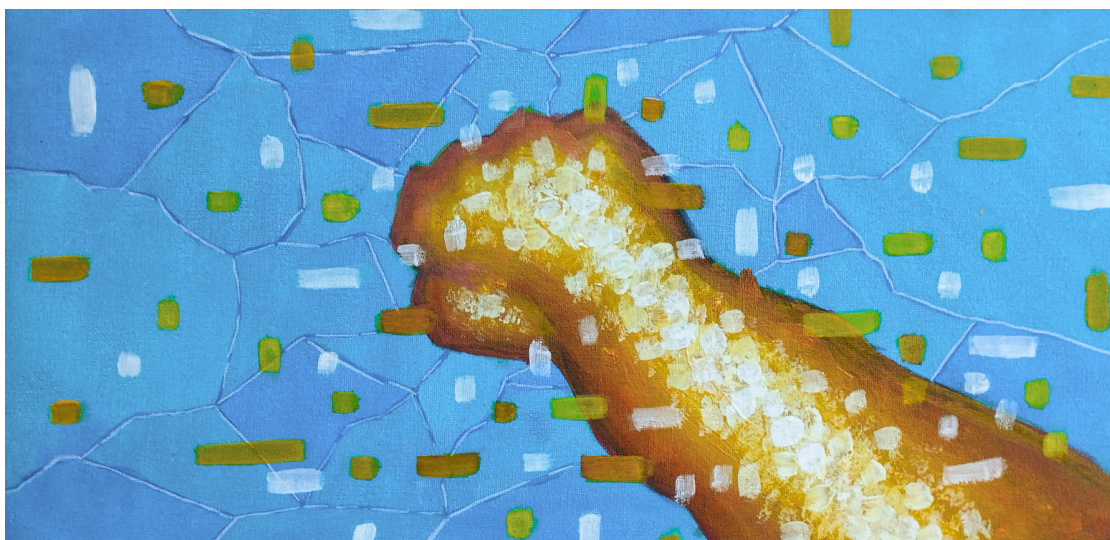


Figura 44: “É você ou sou eu? - parte 2” - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

12. Desproteção feminina em meio a sociedade

A submissão feminina não é um acidente histórico, mas uma construção social, nos dias atuais, disseminado por uma das ferramentas mais poderosas, a mídia. O processo é sutil, constante e começa na mais na infância, quando ainda inocentes demais para entender, colorindo o imaginário com tons de rosa e azul, de frágil e forte, de passivo e ativo.

“Os homens agem e as mulheres aparecem. Os homens olham para as mulheres. As mulheres observam-se a serem olhadas”(BERGER, 1999, p. 47), encapsula a dinâmica central que a mídia explora e reforça. Desde os contos de fadas, onde a princesa aguarda ser salva pelo príncipe, até os comerciais de televisão, a mulher é constantemente posicionada como objeto do olhar. Ela não é a protagonista de sua própria história, mas a coadjuvante na narrativa masculina, um ornamento do qual a existência ganha significado quando validada por outro.

Esta construção midiática da feminilidade é profundamente ligada com a educação e a imposição do ideal de masculinidade tóxica. A publicidade e o entretenimento criam um ciclo vicioso, onde a mulher seja o objeto belo e disponível, o homem deve ser o sujeito ativo, o conquistador, o provedor. A mídia ensina aos meninos, desde cedo, que a virilidade está associada ao domínio, repressão emocional e ao poder sobre o outro e especialmente sobre o o feminino. Comerciais de cerveja, por exemplo, frequentemente retratam mulheres como recompensa pelo consumo do produto, reduzindo um ser, a um objeto de desejo.

A mídia, ao promover um padrão de beleza inatingível, contribui para a perpetuação da violência simbólica contra as mulheres. A violência simbólica é justamente essa determinação de uma visão de mundo onde a submissão feminina é naturalizada, se tornado tão comum que sequer é percebida como violência. É a piada que objetifica, a propaganda que reduz, a música que normaliza a posse. O resultado desse bombardeio constante é a internalização desses papéis. Muitas mulheres, inconscientemente, aprendem a se reprimir, moldando seus corpos e comportamentos para atender a essa expectativa externa. Paralelamente, os homens são ensinados a adotar comportamentos machistas como forma de afirmação de sua identidade Homem. A mídia, ao reforçar estereótipos de gênero, naturaliza a desigualdade e contribui para a manutenção de estruturas sociais machistas.

A estrutura social machista não é um monstro visível, mas uma teia de fios quase invisíveis que sustentam a cultura do assédio, a diferença salarial, enquanto imobilizam a vítima. A naturalização ocorre quando vemos cenas de ciúme possessivo sendo romantizadas em novelas, filmes, séries, livros, ou quando a agressividade masculina é glorificada como “atitude” em filmes e séries. Anúncios de produtos de limpeza invariavelmente mostram mulheres realizando as tarefas domésticas, sorridentes e realizadas, enquanto os homens são retratados como desastrados e incapazes, reforçando que aquele não é o seu lugar. Esta representação não só sobrecarrega a mulher com a responsabilidade exclusiva pelo lar, como também isenta o homem de suas obrigações, ensinando a ele que certas funções são mínimas demais para sua alçada.

As consequências desse movimento são absurdamente prejudiciais e nocivas. Para as mulheres, se torna viver em um estado constante de vigilância, onde a autoimagem é distorcida, sua capacidade invalidada, sua voz é silenciada e o espaço público se torna um ambiente hostil. A sensação de insegurança ao caminhar na rua, o medo de não ser levada a sério no trabalho, a pressão para conciliar todas as vias da vida. É preciso questionar as narrativas, desconstruir as imagens e reconhecer os pontos que nos ensinam a desigualdade. Enquanto a mídia continuar a ditar que “homens agem e mulheres aparecem”, estaremos todos, independentemente do gênero, presos em uma máscara construída de aspectos ditos sobre quem deveríamos ser, mas que não representam quem somos. A liberdade faz morada na coragem de desligar o som e aprender a ouvir a nossa própria voz.

“Cuidado pinkpill!” analisa como a submissão feminina não é um acidente, mas uma construção social inserida pela mídia desde a nossa mais profunda infância. Uma figura feminina envolta em um capuz vermelho, uma referência direta ao conto da Chapeuzinho Vermelho, simbolizando a vulnerabilidade. Ela se encontra presa em um estado de constante vigilância e medo, enquanto caminha por um ambiente hostil, o espaço público se torna uma armadilha, janelas iluminadas revelam silhuetas que observam e cercam a personagem. As criaturas azuis, representadas como humanoides animalizados, surgem como uma referência à forma hostil e predatória com que os homens frequentemente se portam em relação às mulheres, personificando a masculinidade tóxica. Enquanto estivermos presos a esses papéis de gênero, estaremos todos sufocados por uma máscara que nos impede de ouvir nossa própria voz e de exercer a verdadeira liberdade.



Figura 45: Moodboard de “Cuidado pinkpill!”.



Figura 46: Processo de “Cuidado pinkpill!”.



Figura 47: "Cuidado Pinkpill!" - Acrílica sobre tela, 20x20 cm.

"Cuidado pinkpill! - parte 2" apresenta um humanoide animalizado, em tons de azul e verde, desferindo uma mordida agressiva no braço da mulher, materializando a predação física e emocional que as estruturas machistas naturalizam. O sangue que escorre do ferimento é o custo real de uma sociedade que ensina aos homens que a virilidade está associada ao domínio e ao poder sobre o feminino. A composição captura a dor de ser atingida por uma força que se recusa a ver a humanidade no outro, reafirmando que a submissão imposta não é apenas um papel social, mas uma ferida aberta que silencia vozes e corrói a liberdade. É um lembrete, de que, enquanto a agressividade for glorificada como "atitude", o caminho da autonomia feminina continuará sendo interrompido por garras e presas que insistem em manter viva o pior predador das mulheres, o patriarcado.



Figura 48: "Cuidado Pinkpill!" - Acrílica sobre tela, 20x40 cm.

“Criar é dar ordem ao sensível, transformando o início caótico em um desenvolvimento articulado que se fecha em um significado” (OSTROWER, 1995, p. 52). As palavras de Fayga possuem grande profundidade e conexão com o meu processo formativo no decorrer do curso. O que se inicia de forma caótica, sem um rumo claro, a partir de um desenvolvimento inconstante, me guiou até o atual projeto e ao entendimento da essência dos meus trabalhos.

Esse movimento de dar ordem ao sensível não aconteceu de maneira linear, mas através de camadas que foram se sobrepondo ao longo da trajetória. Cada rascunho, experimento, erros, acertos e retomadas fizeram parte de um percurso que lentamente revelou um sentido próprio. Houve momentos em que a falta de clareza parecia um sinal de que algo não ia bem, como se a arte exigisse um caminho seguro desde o início. No entanto, foi justamente ao aceitar a incerteza como parte constitutiva do processo que pude enxergar a potência do que ainda não tinha me dado conta. A cada nova tentativa, algo se deslocava internamente, e aquilo que antes era dispersão passava a se organizar em torno de estruturas que emergiram da própria prática.

“A vida é um produto”, a frase que atravessou minhas reflexões, ao mesmo tempo em que foi desenvolvida e me fez desenvolver, me trouxe a consciência de como cada vivência e influência se tornam um catalisador, modificando completamente uma experiência, seja coletiva ou individual. Percebi que aquilo que produziu carrega marcas do que vivenciei, das relações que estabeleci e das inquietações que permaneceram. Mais do que um resultado final, o que se configura como produto é também um processo em constante transformação, mas, principalmente, essa jornada me ensinou sobre o meu fazer artístico e sobre mim mesma.

Essa tomada de consciência não veio de uma só vez, mas foi sendo construída no encontro entre a teoria e a prática, entre o que lia e o que experimentava no ateliê. Aos poucos, fui percebendo que cada material escolhido, cada gesto repetido e cada pausa forçada carregavam uma intencionalidade que nem sempre era acessível era entendida de forma imediata. Compreender isso me ajudou a confiar mais no tempo do processo e a valorizar os intervalos onde nada parecia acontecer, mas onde, na verdade, algo se reorganizou silenciosamente.

Apreendi que o caos inicial não era um obstáculo a ser vencido, mas matéria prima a ser moldada e, que dar ordem ao sensível não significa controlar rigidamente cada parte, mas encontrar, na própria fluidez do processo, os fios que conduzem àquilo que faz sentido. Olhando para trás, percebo que cada etapa do curso funcionou como uma camada sobre a anterior, e o que parecia dispersão revelou-se, com o tempo, parte de uma estrutura maior. O projeto atual, assim, não é um ponto de chegada, mas um ponto de articulação, um lugar onde o que foi vivido encontra forma e onde o que ainda está por vir já começa a se anunciar.

Referências

- O GLOBO. Nem sempre é por elas: mulheres ainda recorrem à estética por pressão do parceiro, diz pesquisa. O Globo, 21 abr. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/noticia/2025/04/21/nem-sempre-e-por-elas-mulheres-ainda-recorrem-a-estetica-por-pressao-do-parceiro-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 22 out. 2025.
- JORNAL DA USP. Uso excessivo das redes sociais pode levar a uma elaboração ficcional da realidade. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/uso-excessivo-das-redes-sociais-pode-levar-a-uma-elaboracao-ficcional-da-realidade/>. Acesso em: 22 out. 2025.
- SUPERINTERESSANTE. Doomscrolling é ruim para seu cérebro — e seu corpo também. Superinteressante, 2023. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/doomscrolling-e-ruim-para-seu-cerebro-e-seu-corpo-tambem/>. Acesso em: 22 out. 2025.
- G1. Mais de 80% dos trabalhadores estão esgotados, mostra pesquisa. G1, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/07/27/voce-se-sente-esgotado-mais-de-80percent-dos-trabalhadores-estao-assim-mostra-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 22 out. 2025.
- REVISTA FT. Sociedade do excesso: a indústria do entretenimento e o consumo desenfreado. Revista FT, 2022. Disponível em: <https://revistaft.com.br/sociedade-do-excesso-a-industria-do-entretenimento-e-o-consumo-desenfreado/>. Acesso em: 22 out. 2025.
- VEJA. Excesso de redes sociais está associado a 45% dos casos de ansiedade em jovens. Veja Saúde, 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/excesso-de-redes-sociais-esta-associado-a-45-dos-casos-de-ansiedade-em-jovens/>. Acesso em: 22 out. 2025.
- UNICESUMAR. Masculinidade tóxica: repressão emocional e violência. Maringá: Unicesumar, 2021. Disponível em: <https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/11428/1/905860.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.
- ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BERGER, John. Modos de ver. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DANTO, Arthur C. Após o fim da arte: a arte contemporânea e a fronteira da história. Tradução de Saulo Algood. São Paulo: Odysseus, 2006.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- KRAUSS, Rosalind. O fotográfico. Tradução de Anne Marie e Henrique de Burmeste. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. 10. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

Registros da exposição

A vida é um produto: A influência da cultura de massa em nossas vivências

" A Vida é Um Produto" nasceu de um incômodo, após perceber como a cultura de massa não é só algo que consumimos, mas uma voz que sussurra nos nossos ouvidos desde muito cedo, moldando nossos desejos e inseguranças.

Tudo começou quando resolvi fazer um mergulho nas minhas próprias memórias. Fui juntando os fios que ligavam minhas experiências, da infância até o presente momento, e descobri nove temas que se repetiam sem parar: Pressão estética, paradoxo do espectador inexistente, o mercado do amor, o excesso de informação e pensamentos, cobrança universal, entretenimento vazio, cegueira do próprio potencial, glamourização da melancolia e a desproteção feminina em meio a sociedade.

Para cada um desses temas, criei duas obras. Dezoito trabalhos no total, que conversam entre si como duas partes de uma mesma história, são minha forma de materializar essa descoberta, são trabalhos que mostram como certos padrões se infiltram no nosso cotidiano e viram "normal", sem que a gente perceba de onde vêm. No fundo, esta exposição é um convite para olharmos juntos para essas questões. Para a gente se perguntar: quanto do que somos, faz realmente parte de nós, e quanto foi implantado em sem licença?

- Agatha Ribeiro



Figura 49: Cartaz da exposição.

Apêndice



Figura 50: Grade de registros feitos por Ana Luiza Monteiro.